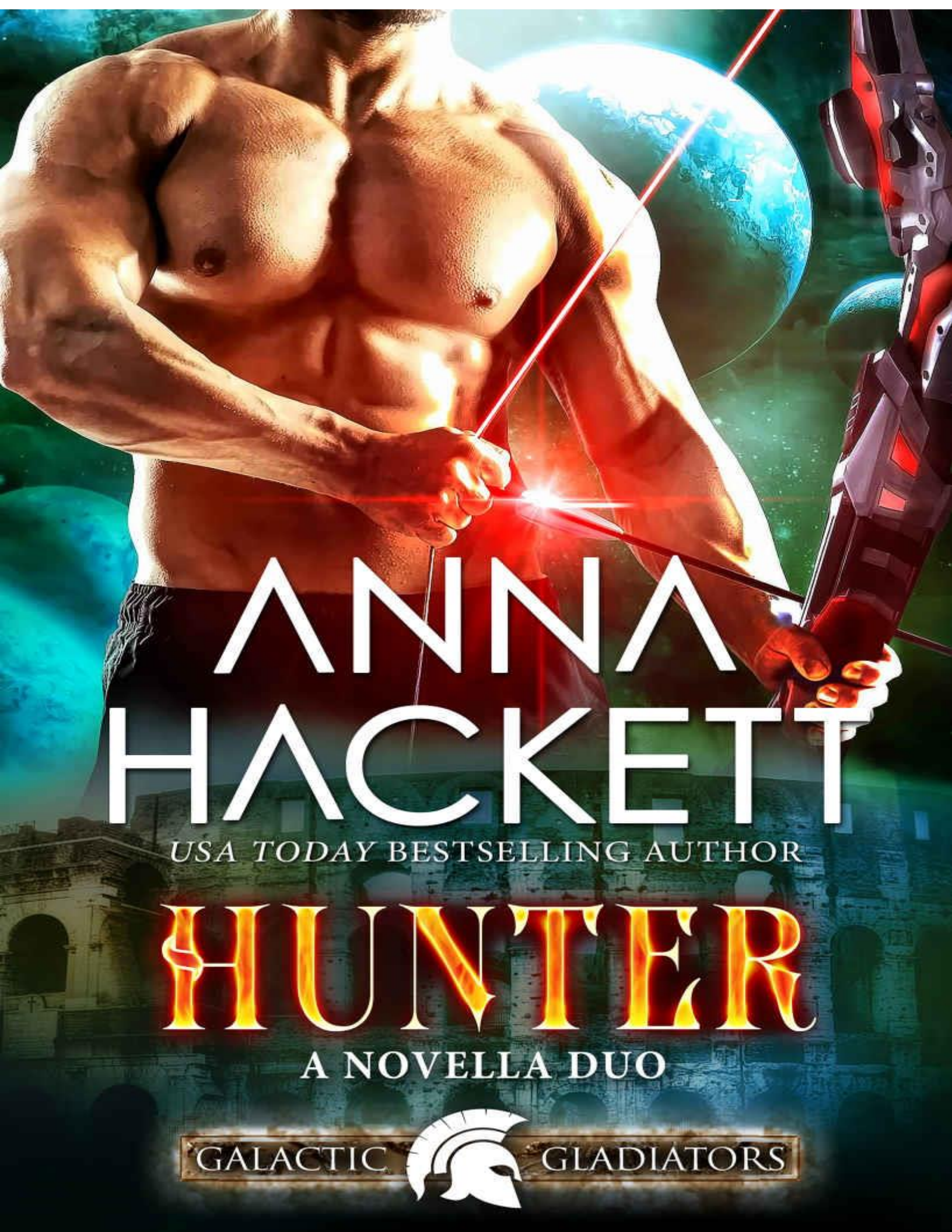
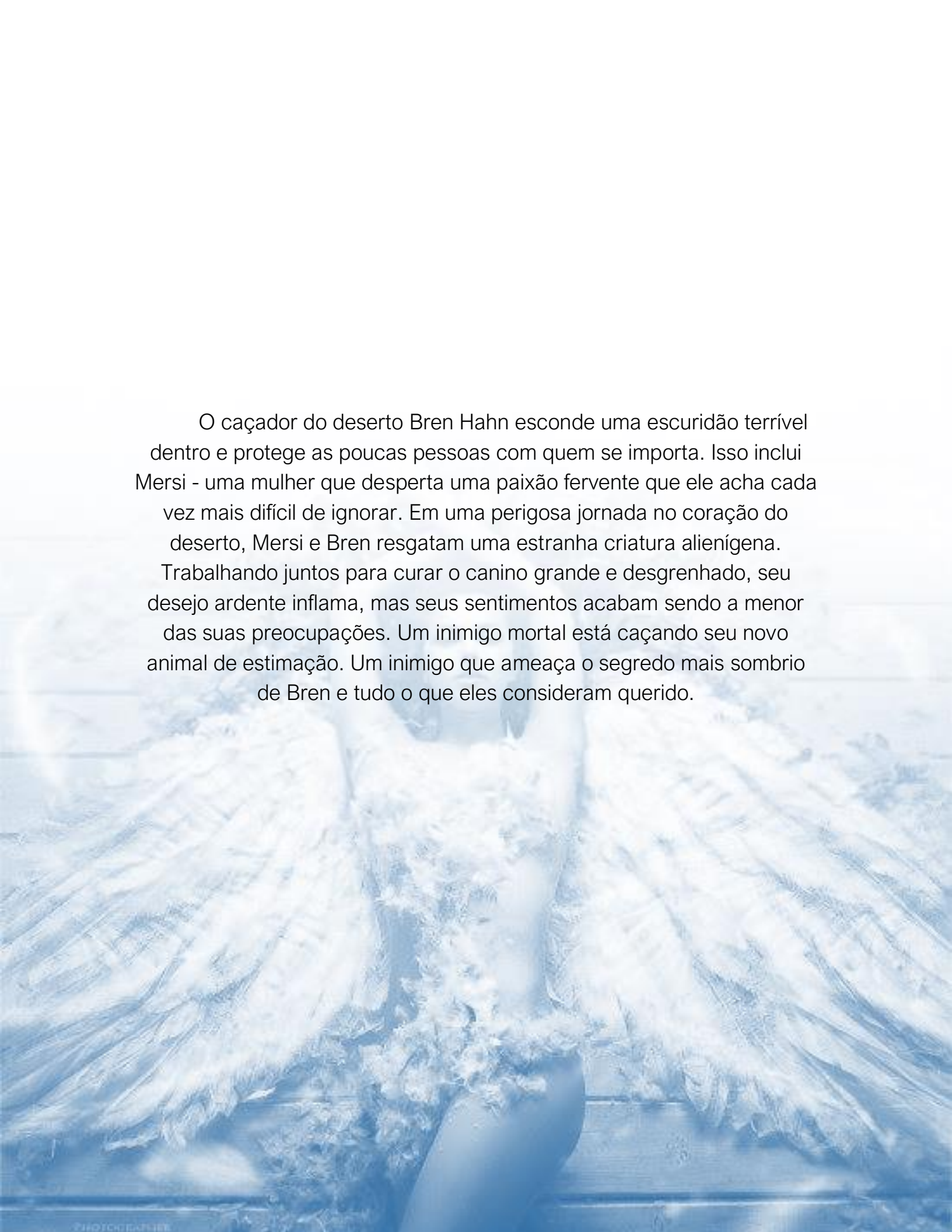

ANNA
HACKETT
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
HUNTER
A NOVELLA DUO
GALACTIC GLADIATORS



EXCLUSIVE STARS BOOKS

CONTINUAÇAO DA SERIE
DOS GALATIC GLADIATORS :
CASA DE GALEN



O caçador do deserto Bren Hahn esconde uma escuridão terrível dentro e protege as poucas pessoas com quem se importa. Isso inclui Mersi - uma mulher que desperta uma paixão fervente que ele acha cada vez mais difícil de ignorar. Em uma perigosa jornada no coração do deserto, Mersi e Bren resgatam uma estranha criatura alienígena. Trabalhando juntos para curar o canino grande e desgrenhado, seu desejo ardente inflama, mas seus sentimentos acabam sendo a menor das suas preocupações. Um inimigo mortal está caçando seu novo animal de estimação. Um inimigo que ameaça o segredo mais sombrio de Bren e tudo o que eles consideram querido.

CAPITULO UM

Mersi Kassar sentou-se em linha reta na sela do seu *tarnid*, observando a caravana do deserto se movendo atrás dela.

Os dois grandes sóis estavam baixos no céu, a luz do dia morrendo quente em sua pele. Ela silenciosamente fez um inventário rápido. Uma fileira de *tarnídeos* de seis patas andando em fila indiana , e atrás deles, vários outros animais de carga, e depois os transportes cobertos. Havia alguns viajantes entusiastas andando também.

Ela sorriu, seu olhar voltando-se para as dunas do deserto além. Ela era uma mulher do deserto. Estava em seu sangue, seus ossos, sua alma. Pela areia, ela amava um pôr do sol do deserto. Era beleza além das palavras.

Sua *tarnid* bufou, e ela se abaixou e deu um tapinha no pescoço escamado da fera. — Calma, Jila.

Em mais três dias eles alcançariam a cidade dos gladiadores de Kor Magna, a capital do mundo deserto de Carthago. Ela esperava que o resto da caravana corresse suavemente. Ela estava ansiosa para algum tempo livre. Mesmo uma mulher do deserto gostava de algumas civilizações às vezes. Ela queria ir às compras, assistir a uma das lutas de gladiadores na arena e talvez até ir aos cassinos chamativos para dançar e jogar.

Ela não iria querer morar na cidade, ou ficar lá por muito tempo, mas ela era uma mulher que apreciava todas as coisas divertidas que a vida tinha a oferecer.

Durante a primeira parte de sua vida, ela teve que sofrer com muitas coisas não divertidas - pobreza desesperada, falta de comida, servidão.

Ignorando a embreagem em sua barriga, ela puxou as rédeas de Jila e a besta invadiu um trote ao longo da linha. Ela era livre e tinha uma vida que ela amava muito, isso era importante.

Ela deu 'olás' para os viajantes, verificando que todos pareciam bem hidratados. Ela assentiu com a cabeça para os guardas da caravana grisalhos que cavalgavam trás, seus olhares continuamente examinando as dunas em busca de piratas de areia ou invasores do deserto. Ela continuou ainda mais longe, verificando os jovens trabalhadores que viajavam com os transportes de comida e armazenamento. Todos assentiram e acenaram.

Ela cutucou Jila e elas trotaram de volta para a cabeceira da caravana. Ela adorava seu trabalho garantindo que a Caravana Corsair funcionasse sem problemas. Ela se *aproximou* do *tarnid* do Corsair *bem* na frente da fila de viajantes. O mestre da caravana era um bom amigo e um excelente chefe. Ele era um homem do deserto e resgatou Mersi da escravidão.

Seu intestino apertou e velhas cicatrizes pulsaram. Anos atrás, sua pobre família do deserto a vendera ao harém de um senhor da guerra do deserto. Mersi engoliu em seco. Mesmo agora, ela se lembrava do terror. O homem era velho, rico e implacável. Ela escapou antes que ele a tocasse, e ela se arriscou com o deserto.

Ela tinha dezesseis anos na época. Corsair e seu braço direito, Bren, a resgataram. Eles a encontraram tropeçando pelas dunas - desidratada, queimada pelo sol e quase morta.

Os homens salvaram mais do que apenas sua vida. Eles salvaram sua alma e lhe deram uma casa.

Ela sorriu. Isso foi há mais de dez anos. E nesse tempo, ela se tornou a mão esquerda do Corsair.

Ela se aproximou da fera de seu amigo e viu que Corsair tinha uma mulher no colo dele. O mestre da caravana estava beijando-a.

Neve Haynes, uma mulher resgatada da Terra, não estava se esforçando muito para fugir de Corsair. O beijo foi selvagem e apaixonado. Mersi sorriu, mas junto com a alegria e diversão, ela também sentiu uma profunda dor.

Corsair estava tão apaixonado por sua mulher da Terra. A mulher havia sofrido um horrível sequestro de escravos alienígenas e lutou por sua liberdade. Ela acabou colidindo com Corsair no processo.

Uma parte de Mersi estava terrivelmente … invejosa deles. Ela queria paixão. Ela ansiava por isso. Ela teve amantes — mas ela ainda não sabia nada sobre isso. O sexo era ... agradável. Não foi até que ela viu o vapor gerado entre Corsair e Neve que ela conheceu a verdade. Às vezes, o casal só tinha que compartilhar um olhar crepitante e Mersi sentia o calor. E ela sabia que era mais do que apenas atração, que o casal se conectava de algum modo profundo à alma.

Decidindo não interromper o par, Mersi afastou seu *tarnid*.

Ela se esforçou para não pensar no homem cujos braços ela realmente queria ao seu redor. Braços grandes e musculosos. Um homem forte e silencioso do deserto, que tinha uma cabeça tão dura quanto *obdusa*. Em comparação com o crânio de Bren, a rocha do deserto era tão macia quanto uma esponja.

Mersi levantou o olhar, examinando a caravana e avistou Bren instantaneamente.

Ele estava andando em um *tarnid* com escamas do mais profundo preto, um pouco separado do grupo principal. Ele tinha a besta de sempre presa às costas e usava roupas típicas do deserto, de cor bege, embora sua camisa e calças fossem de couro escuro de um animal da noite do deserto. Ele pegou a fera, e ela sabia disso porque ela o viu fazer isso. Bren era um excelente caçador e fornecia a maior parte da caça fresca para a caravana.

Era uma vergonha que um caçador tão habilidoso não tivesse seguido o rastro de pistas que ela deixara levando para *ela*.

— Tudo bem, hora de acampar. — gritou Corsair da frente da caravana.

Felicitações subiram e isso significava que Mersi tinha trabalho a fazer. Conforme a caravana diminuía, os trabalhadores da caravana moviam os transportes para formar um círculo de proteção. As tendas seriam montadas dentro. Mersi saiu de Jila e ficou ocupada.

— Hani, você pode arrumar as mesas de jantar, por favor?

O trabalhador assentiu. — Claro, Mersi.

—Qual é o status daquelas tendas que precisavam ser consertadas, Senia?

A mulher alta e de pele verde sorriu. — Tudo feito.

Uma multidão de garotos passou correndo por Mersi e ela esvaziou seus bolsos de doces para eles. Ela rapidamente passou pela área da cozinha, verificando a agitação enquanto os cozinheiros e seus ajudantes ligavam fogo e tiravam panelas grandes. Ela assentiu. Tudo estava sob controle.

— Mersi.

Ela se virou para ver um homem de pé ao lado, segurando o chapéu. — Sim, Nader? Problema?

Ele acenou com a cabeça. — O mecanismo em um dos transportes de armazenamento está fazendo um barulho estranho.

Ela sorriu. — Vou dar uma olhada.

— Já peguei seu kit de ferramentas.

Ela sorriu e o seguiu até o transporte. Era um veículo grande e plano que podia carregar cargas pesadas e tinha um motor simples. A areia do

deserto não era compatível com tecnologia avançada. É por isso que caravanas como as deles estavam em alta demanda por viajantes.

Ela abriu o compartimento do motor e mentalmente amaldiçoou. Havia graxa em todos os lugares. Ela verificou as partes e viu o problema. Uma linha de graxa explodira.

Pescando em sua caixa de ferramentas, ela pegou o kit de reparo. Ela era boa com gadgets. Ela era muito boa em muitas coisas - costurar, cozinhar, lutar, consertar. Fora no deserto, era raro encontrar ajuda quando você precisava, então fazia sentido ganhar tantas habilidades quanto você pudesse.

— Mersi.

A voz profunda retumbou através dela. Ela inclinou a cabeça para trás e viu Bren - alto, grande e rude. Ele tinha um rosto robusto que parecia ser talhado em pedra, uma mandíbula forte e olhos de um profundo tom castanho. A ave de rapina do deserto de Corsair, Rogue, descansava num ombro largo.

— Ei — ela disse.

— Estou saindo para caçar. Cozinheiros disseram que eles estavam com pouca carne.

Ela sorriu e se levantou. — Então eu sei que você vai nos trazer de volta algo delicioso para cozinhar.

Ele estendeu a mão, roçando a bochecha dela com o polegar. Mersi congelou e sentiu a tensão entre eles. Ela mal suprimiu um arrepio. Pela areia, ela sentiu aquele pequeno toque em seu corpo.

— Graxa.

Ela piscou. — O que?

Ele recuou. — Você tinha graxa em sua bochecha.

Ótimo. Isso tinha sido sexy. — Obrigado.

— Vou procurar alguns *quolbies* também. Vi algumas de suas faixas mais cedo.

Sua carne favorita para comer. Ela agarrou seu bíceps duro e deu um beijo rápido em sua bochecha. — Você é meu herói, Bren Hahn. — Ela sentiu o músculo duro sob seus dedos e desejo enrolou em sua barriga. — Você sabe estragar uma garota.

Ele ficou tão rígido quanto uma prancha, depois estendeu a mão por cima do ombro e tirou a balestra das costas. Rogue se mexeu, agitando suas penas. O rosto de Bren estava impassível, mostrando nenhuma reação a ela estando tão perto dele.

Essa falta de reação foi um golpe no coração dela.

— Você merece mais do que *quolbie*. — Ele se virou e foi embora.

Ela assistiu o passo pesado de Bren. Ele era grande demais para se mover levemente - não que ele fosse desajeitado. Ela sabia que ele poderia se mover muito rapidamente quando ele precisasse.

Ela sabia tantas pequenas coisas sobre Bren. Ela estava apaixonada pelo grandão.

Seu olhar percorreu a forma de Bren - sobre as largas costas e pernas musculosas - e o ar assobiava através de seus dentes. Ela estava apaixonada por ele, mas ele não retornava o sentimento. Ela chupou uma respiração instável.

Oh, ele se importava com ela, claro, mas ele simplesmente não a deixava chegar mais perto. Ela sabia que ele havia perdido a família, embora raramente falasse sobre seu passado. Ele era calado, como uma caixa trancada.

E ela queria desesperadamente que ele lhe desse a chave.

Ela se lembrou do momento em que o viu pela primeira vez, quando ele e Corsair a salvaram no deserto. Ele a segurou em seus braços - uma garota aterrorizada à beira da feminilidade - e se sentiu segura pela

primeira vez em sua vida. Ele tinha vinte e poucos anos, mas mesmo assim seus olhos escuros pareciam ter visto tudo. Ele tinha sido estoico e uma rocha firme. Tudo o que ela nunca teve em sua vida.

Corsair era charme e riso, e ela o amava como um irmão. Bren era força e segurança.

E o homem que ela queria tanto que doía.

Um homem que ela sabia que escondia algo dela e se recusava a deixá-la entrar.

***

Bren Hahn se escondeu na areia, olhando para a crescente escuridão. Ele não podia mais ver a trilha que ele estava seguindo, mas sentiu sua presa por perto. Ele tinha uma boa visão noturna e audição, bem como a capacidade de detectar pequenas vibrações.

Como os batimentos cardíacos acelerados do pequeno *quolbie* à frente.

No alto, Rogue deu um grito agudo.

O pássaro também tinha visto.

Bren olhou para as sombras e viu movimento. *Eu sei que voce esta ai.* Algo mais dentro de Bren também sentia a presa, a escuridão nele aguçando com antecipação. Ele ergueu a besta, respirou fundo e empurrou a escuridão faminta para baixo. Ele atirou.

Ele levantou-se suavemente e viu o *quolbie* deitado na areia. Ele pegou, oferecendo um rápido agradecimento aos espíritos dos desertos, e acrescentou o animal ao outro *quolbie* , o *manis,* e o maior *dharial* pendurado em suas costas.

Girando, ele voltou na direção da caravana. Melhor voltar agora antes que as bestas da noite do deserto decidissem que ele não era tão assustador e tentariam dar uma mordida nele. Ele assobiou para Rogue e, um momento depois, o animal entrou e pousou em seu ombro.

Bren desfrutou do ar fresco da noite e do silêncio, absorvendo-o. Logo, ele viu o brilho da caravana à frente. Ao se aproximar, ele examinou a linha de transportes montada em um círculo defensivo, procurando por pontos fracos. Bren viu o primeiro sentinela e levantou a mão. O homem devolveu o gesto. Os *tarnídeos bufaram* de sua moradia temporária quando ele passou.

Quando ele escorregou pela entrada e entrou no acampamento, ouviu risadas e conversas. Ele franziu o cenho. Os convidados estavam se divertindo - comendo, bebendo, conversando. Bren não era um grande fã de falar. Geralmente, ele achava que as pessoas falavam sobre coisas sem importância e desperdiçavam seu tempo. Na verdade, ele não era um grande fã das pessoas em geral.

Ele parou na tenda de comida e largou a casa na mesa.

— Bren! — O cozinheiro chefe passou apressado. O homem rechonchudo exclamou de alegria. — Obrigado. Você sempre nos traz o melhor.

Bren assentiu e voltou para sua tenda. Depois que ele lavou e mudou, ele se preparou e se dirigiu para a fogueira. Se ele tentasse se esconder em sua tenda, Mersi iria encontrá-lo e arrastá-lo para fora.

Ele pegou os viajantes sentados em cadeiras e cobertores. A maioria parecia cansada de semanas de viagem, mas havia um ar fresco de excitação hoje à noite. Todos sabiam que estavam chegando perto do final da jornada. Viu um homem enorme, calvo, jogar a cabeça para trás e rir, batendo com a mão no joelho. O homem era um gladiador aposentado indo para casa para Kor Magna. Ao lado dele estava uma mulher magra com a pele pálida que brilhava como jóias reluzentes. Ela usava um tecido rosa e tinha um conjunto de chifres esguios saindo de seu cabelo branco.

Havia várias espécies sentadas ao redor do fogo, todas reunidas pela aventura no deserto.

Bren avistou Corsair. O homem era difícil de perder. Alto, poderosamente construído, com cabelo castanho desgrenhado, enroscado com ouro. Ele também tinha olhos dourados e um rosto que as senhoras pareciam amar. Não que Corsair trabalhasse mais com seu charme nas damas. Enquanto Bren observava, o mestre da caravana passou um braço ao redor da mulher magra e de cabelos escuros ao seu lado. Ele a puxou para um beijo longo, úmido e profundo.

O melhor amigo de Bren agora estava obcecado por uma mulher do planeta distante da Terra. Bren tinha que admitir, Neve Haynes se adaptou perfeitamente ao Corsair. Ela não era uma mulher do deserto, mas era uma guerreira de coração e mantinha Corsair na ponta dos pés.

Mas quando Corsair segurou a bochecha de sua mulher, seu rosto suavizou-se. Não havia apenas paixão e desafio entre eles, havia também amor.

Risos femininos profundos alcançaram os ouvidos de Bren. O som mais bonito do mundo.

Ele balançou o olhar e viu Mersi rindo com alguns convidados. Suas curvas suaves foram delineadas por suas calças simples e camisa justa. Naquela noite, ela jogou uma mecha de pedras azuis grossas em volta do pescoço. O azul-verde-claro combinava com os olhos dela. Ela tinha um rosto bonito e longos cabelos negros que ela normalmente mantinha puxado para trás em uma longa cauda que ele sabia que quase roçava o topo de sua bunda empinada.

Um homem bonito agarrou a mão dela, dizendo-lhe alguma coisa. Ela continuou sorrindo, mas balançou a cabeça.

Bren rangeu os dentes, sua mandíbula rangendo. Se o otário de areia não a deixasse ir …

Mersi soltou a mão e foi embora com uma onda alegre. Ao passar por duas crianças do deserto - Danan e sua irmã Aura, que eles resgataram recentemente -, ela bagunçou seus cabelos.

Necessidade era um roer afiado no intestino de Bren. Mersi era ... luz, riso e bondade.

Muitas noites, ele só conseguia dormir pegando seu pau na mão e acariciando a si mesmo enquanto pensava em Mersi - o sorriso dela, o que ele imaginava ser seu gosto, de que cor seus mamilos poderiam ser, que sons ela fazia quando encontrava o prazer.

Seu pau endureceu e ele engoliu um gemido.

— Bren.

Drak. Corsair apareceu em seu ombro.

— Tarde. — Bren achou que sua voz soava normal.

Seu amigo seguiu o olhar de Bren. — Ela merece amor, meu amigo.

Bren ficou em silêncio.

— Ela merece um homem que a adora. — Corsair entrou na frente dele, seus olhos dourados brilhando à luz do fogo. — Alguém para segurá-la, apoiá-la, aquecê-la em uma noite fria. — A voz de Corsair baixou. — Você já a ama. Compartilhe com ela.

— Ela merece o mundo. — murmurou Bren.

— Ela quer você.

Bren observou-a sorrir para um casal idoso sentado em silêncio junto ao fogo. Mersi merecia melhor que ele.

— Ela merece muito mais. — Corsair fez um som frustrado, mas Bren olhou para o amigo. Este homem era o único que conhecia a podridão na alma de Bren. — Ela merece melhor do que eu.

Corsair murmurou uma maldição. — Você é um dos melhores homens que eu conheço, Bren. Sólido como rocha, confiável como o nascer do sol e fiel às extremidades das dunas.

Bren olhou para o fogo.

— Você também é tão teimoso quanto ... — Corsair sacudiu a cabeça — Já não tenho boas descrições. Vou deixar você para chorar.

Enquanto seu amigo se afastava, Bren viu alguns viajantes retirado instrumentos e começado a puxar as cordas. Enquanto a música baixa e abafada tocava, algumas pessoas se levantaram para dançar. Uma mulher puxou Mersi para uma dança e ela girou em círculo. Ela jogou a cabeça para trás e riu.

O som se moveu através dele. Ele amava sua risada. Mersi coloriu seu mundo e era o batimento cardíaco de sua vida. Ele a protegeria de todos os perigos do deserto - incluindo ele mesmo.

De repente, os olhos de água-marinha encontraram os dele através do fogo. Ela disse algo para sua parceira de dança e foi até Bren.

— Hey, eu vi o seu transporte. Bom trabalho. — Ela sorriu. — E eu vi o *quolbie*. Obrigado.

Ele assentiu.

Ela agarrou a mão dele. — Venha e dance.

Ele trancou a resposta de seu corpo e afastou a mão. — Eu não danço, você sabe disso.

Ela deu-lhe um sorriso triste. — Eu continuo esperando que você mude de ideia.

— Eu nunca vou, Mersi.

Ela se virou e foi embora.

CAPITULO DOIS

Mersi geralmente não estava de mau humor. A vida era curta demais para desperdiçá-la por estar zangada, aborrecida ou mal-humorada.

Exceto por esta manhã.

Ela suspirou. Ela acordara irritada e, enquanto arrumavam a caravana para a jornada de hoje, estava com pouco mais do que algumas pessoas.

Eles agora estavam se movendo sob os sóis quentes de Carthago. Ela tinha um lenço sobre a cabeça para proteção e seus óculos de proteção bem usados sobre os olhos desde que o vento soprava. Jila bufou, claramente infeliz com a areia em seu rosto. Mersi apenas rezou para que não se transformasse em uma tempestade de areia.

Seu olhar caiu em Bren, andando à frente dela. Ela olhou para as costas largas dele. Ela sonhara com ele. Novamente. Dele tocando, ela tocando-o. Com ele baixando a guarda e deixá-la entrar.

Ela fechou os olhos.

Era hora de aceitar que isso nunca aconteceria. Lágrimas se erguiam atrás das pálpebras, a dor doendo até os ossos.

— Mersi — disse uma voz jovem.

Mersi engoliu as lágrimas e virou a cabeça. — Ei, Tilli.

A jovem montava em um *tarnid,* mantendo o ritmo ao lado de Mersi. Tilli cavalgava com natural facilidade e era uma das crianças treinando para ser uma tratadora *tarnid*. — Saram disse para dizer que ela quer tentar uma nova mistura de alimentos para os *tarnídeos* quando chegarmos a Kor Magna.

— Coisa certa.

— Isso é tão líquido. Esse novo alimento soa melhor. — Tilli inclinou a cabeça, a trança caindo por cima do ombro. — Você está bem?

Mersi forçou um sorriso. — Legal.

A testa da menina se enrugou. — Legal?

—Desculpa. É uma das palavras da Terra da Neve. Quer dizer, está tudo bem.

Tilli sorriu, seu olhar se tornando sonhador. — A terra parece tão incrível.

Com certeza parecia. Mersi apimentava Neve com perguntas sempre que podia. — E é …

De repente, gritos perfuraram o ar e ela virou a cabeça. Um *tarnid* assustado se separou da coluna da caravana. Havia um garoto solitário batendo forte nas costas, segurando as rédeas desesperadamente, o rosto branco de pânico.

— Oh, não — chorou Tilli. — Tad …

Eles resgataram o menino alguns meses atrás. Ele era tímido e lentamente saindo de sua concha. Sem pensar, Mersi chutou seu *tarnid* em galope, areia voando atrás deles enquanto eles caçavam.

Ela se inclinou para frente, correndo para mais perto do menino e do animal assustado. Um momento depois, ela apareceu ao lado deles.

— Tad, pule! — Ela estendeu o braço para o garoto.

Mas ela não tinha certeza se ele a ouviu. O terror estava gravado em seu rosto e ele estava com muito medo de agir.

Drak. Mersi ouviu mais gritos atrás deles e levantou a cabeça.

Seu estômago caiu. *Drak duplo*. Havia uma ravina à frente. Uma rachadura profunda no chão arrancada há muito tempo por um rio agora seco.

Se Tad continuasse assim, ele e seu *tarnid* despencariam sobre a borda.

Mais gritos profundos por trás dela e ela olhou para trás. Ela viu Bren acelerando em direção a eles em sua fera, mas ele ainda estava muito longe.

Pela areia, ela tinha que fazer alguma coisa. Mersi levantou-se na parte de trás de seu *tarnid*, mantendo o equilíbrio. Ela fez isso por diversão muitas vezes antes.

Então ela saltou para a fera de Tad.

Ela aterrissou com força, logo atrás do garoto. Rapidamente, ela se sentou, as pernas segurando o animal e agarrando Tad. Ela estalou a língua para Jila e seu *tarnid* se moveu o mais próximo que pôde, esbarrando no animal que Mersi estava cavalgando.

Mersi apertou Tad. — Agarre-se, Tad! — Ela rapidamente o jogou em Jila. Ele gritou, mas grudou na sela de Jila.

Sim. Mersi riu novamente e Jila se afastou, diminuindo a velocidade.

Obrigado pelos ventos do deserto. Ela se abaixou e agarrou as rédeas da fera ainda em pânico, puxando-as com força, tentando impedir o animal.

A enorme ravina estava mais perto agora. Seu pulso batia como os cascos fugidos *do tarnid*. O abismo era tão largo e horrivelmente profundo.

Ela ia ter que pular.

Mersi se mexeu na sela. Eles estavam indo rápido demais e o solo ali era mais rocha que areia. O pouso ia doer.

Ainda assim, os ossos quebrados eram um preço menor a ser pago do que ir de cabeça para a ravina.

Enviando uma prece silenciosa aos ventos do deserto, Mersi pulou do *tarnid* fugitivo.

Houve um turbilhão de cores quando ela caiu. Ela ia quebrar alguma coisa com certeza. Ela fechou os olhos e se preparou para a dor.

Uma mão forte apertou sua camisa e ela foi empurrada com força. Ela bateu em um peito duro, o vento bateu para fora dela.

Ela olhou para o rosto definido de Bren.

Seus braços envolveram firmemente ao redor dela - fortes e sólidos. Ele puxou *as* rédeas *do* seu *tarnid* para para-los.

— Eu tenho você. — ele rugiu.

***

Raiva e medo se agitaram no estômago de Bren. Ele parou o seu *tarnid* e balançou a perna, deslizando para fora. Ignorando Mersi ainda sentada na sela, ele olhou para frente e viu que o *tarnid* fugitivo tinha conseguido parar bem perto da borda da ravina. Ele deu um assobio agudo e a fera se virou e trotou de volta.

Quando ele olhou de volta para a caravana, viu que o menino estava cercado por pessoas que o abraçavam e o acariciavam.

Bren estendeu a mão, agarrou a cintura fina de Mersi e arrancou-a do *tarnid*.

— Bren ...

Sua raiva aumentou. — Quieta.

Ele olhou para os grandes olhos azuis e aquele rosto emoldurado por cabelos escuros e sedosos.

Bonita. Amigável. Assustadoramente competente. Tudo isso descrevia Mersi. Mas em sua cabeça, tudo o que ele conseguia pensar era que ela poderia estar morta e quebrada no fundo da ravina. Todas aquelas coisas que a faziam especial, se apagariam.

— O que o *drago* você estava pensando? — ele rugiu.

Ela congelou, depois levantou o queixo. — Voce está bravo?

Ele rosnou. Ele estava além da raiva. — Você poderia ter sido morta!

— Eu tive que ajudar Tad. Ele é um garoto, Bren. Ele estava apavorado.

Isso era tão Mersi. Ela cuidava de todos na caravana. Se alguém estava em necessidade - amigo ou estranho - ela saltava para ajudar. Sem pensar em sua própria segurança.

Havia uma sensação de contorção no peito de Bren. Uma escuridão familiar subiu para sufocá-lo, sua visão perdendo a cor por um segundo.

Ele lutou de volta. Como ele sempre fez. A escuridão era algo que faria Mersi olhar para ele com horror. Sua visão voltou ao normal.

— Você espera por ajuda. — ele disse. — Agora, você poderia estar quebrada nas rochas abaixo. — Sua voz subiu novamente para um rugido.

Ela se levantou na ponta dos pés. Ela estava longe de ser tão alta quanto ele, e ao lado de Mersi sempre o fazia se sentir enorme e pesado.

— Teria sido tarde demais, Bren.

Mulher teimosa e tola. — Você poderia ter *morrido*.

Seu rosto se suavizou. — Eu estou bem, cara grande.

Suas mãos agarraram seus braços. — Você não pode morrer, Mersi.

Ela estendeu a mão e segurou sua bochecha. — Estou bem.

O ar ao redor deles mudou e a pele de Bren se aqueceu. Não tinha nada a ver com os sóis do deserto. Ela era tão bonita e sempre cheirava tão bem, como flores do deserto e pele quente.

Ele a puxou para mais perto e ela pressionou a bochecha contra o peito dele. Seus braços se envolveram ao redor dele.

A escuridão dentro dele se agitou novamente. Estava com fome, exigente.

Ele recuou, empurrando-a para longe. — Você precisa ter mais cuidado.

Ele viu um lampejo de dor no rosto dela e isso fez seu intestino torcer. Então o resto da caravana chegou e eles foram cercados por pessoas.

— Todo mundo está bem? — Corsair se aproximou entre eles.

O mestre da caravana tinha um cinto de couro escuro em torno dos quadris e uma bandoleira de couro cruzava o peito. O melhor amigo de Bren virou os olhos dourados para ele.

Tad apareceu, correndo para Mersi. Ela abraçou o garoto com força.

— Havia um esconderijo de serpente na areia — o menino murmurou contra a barriga de Mersi. — Isso assustou meu *tarnid*. Eu sinto muito.

— Tudo bem. — disse Mersi.

— Está tudo bem. — Bren girou e pisou fora.

Ele se ocupou em verificar os guardas de segurança e depois se mexeu para verificar o suprimento de água. Mersi correu as coisas do dia-a-dia na caravana e era o principal contato com todos os viajantes, mantendo-os todos felizes. Bren preferia trabalhar nos bastidores, e se ele pudesse evitar conversas inúteis com estranhos, ele fazia.

Mersi era boa em falar com as pessoas e ele não era. Ela era simpática e as pessoas gostavam dela.

Ele parou, encostado em um dos transportes, as mãos se curvando em punhos. A escuridão encheu sua garganta, raspando suas entranhas, mas ele sufocou de volta. Estava zombando dele com a imagem de Mersi voando sobre a borda da ravina. Mersi quebrada e sangrando.

Então ele a ouviu rir. Ele olhou para cima e a viu cercada por um grupo de crianças, bagunçando seus cabelos e roubando doces.

Viva. Respirando fundo várias vezes, ele se controlou. Ele ouviu Corsair chamar a caravana para se mover novamente.

Logo, todos estavam de volta aos transportes e *tarnids*, e a caravana avançou novamente.

Bren seguiu em silêncio, mantendo o olhar nas dunas. Os piratas da areia aproveitavam qualquer oportunidade para roubar. Era fácil cair na monotonia das viagens no deserto e aproveitar a paz - a areia sem fim, as dunas vazias, a luz solar quente. Ele deixou seu *tarnid* balançar ele e relaxar seus músculos tensos. Ele amava o silêncio. Ele amava a vastidão do deserto e a falta de pessoas.

Eles viajaram por mais uma hora, quando de repente, ele ouviu gritos novamente, e uma comoção à frente.

E agora? Carrancudo, ele meio que esperava ver outro *tarnid* fugitivo, mas quando a caravana parou, ele saltou do seu *tarnid* e correu para a frente da linha. Mersi estava em pé com Corsair e Neve. Ela não encontrou o olhar dele.

Corsair tirou uma luneta, estendendo-a e olhou através dela.

Bren tinha boa visão, e ele podia ver as formas na areia à frente, mas elas estavam muito longe para ele entender o que ou quem era.

— O que é isso? — ele perguntou.

— Parece piratas de areia. — disse Corsair. — Eles estão atacando ... alguma coisa.

Um uivo angustiado dividiu o ar.

— Alguém precisa de ajuda. — disse Mersi.

Bren viu que o rosto dela demostrava o quanto ela estava chateada. Ele olhou para a Corsair. — Eles estão atacando uma fera?

— Parece com isso. — Corsair abaixou a luneta. — É uma espécie de animal, mas não consigo enxergar bem.

Outro gemido uivou.

Bren olhou para Mersi. Suas mãos estavam torcidas juntas.

— Não parece uma besta do deserto. — disse ela. — Eles estão machucando isso. Está com dor.

Drak. Eles tinham uma caravana para proteger e eles estavam quase de volta a Kor Magna. Eles não precisavam se apressar em problemas.

Suplicantes olhos de água-marinha olharam para ele.

Drakking do inferno. Bren puxou sua balestra de suas costas. — Eu vou dar uma olhada.

Mersi sorriu para ele. — Obrigado, Bren.

— Estou indo também. — Corsair tirou a electroblade do cinto.

Neve deu um passo à frente, sua equipe pressionou seu ombro. — Você não está me deixando para trás.

CAPITULO TRES

Preocupação mordiscou Mersi enquanto observava Bren, Corsair e Neve se afastando pela areia.

Ela tocou a faca no cinto e a pistola de laser caiu no quadril. Ela sabia como usar os dois muito bem - Corsair e Bren a haviam treinado. Mas com a Corsair fora, ela estava encarregada da caravana. Ela respirou fundo. Ela sabia que o trio poderia mais do que cuidar de si mesmo.

Ela ainda estava chateada após a explosão de Bren depois que ela resgatou Tad. O homem claramente sentia algo por ela. Mas ela não podia continuar lidando com suas rejeições ásperas.

Mersi queria amor, família, filhos. Ela queria uma família que ela cuidasse, alimentasse e protegesse. Nenhum filho dela seria vendido como escravo.

Ela sabia que Bren já havia sido parte de uma família. Não que ele tenha falado sobre eles. Uma vez, depois que eles beberam muita cerveja *fraskan* perto da fogueira, ele disse a ela que ele tinha uma irmã. A dor que encharcava sua voz deixara Mersi em lágrimas.

— O que está acontecendo? — Um jovem rapaz e moça a flanqueavam, olhando as silhuetas de Bren, Corsair e Neve.

— Não tenho certeza. — disse Mersi — Mas Bren e Corsair cuidarão disso.

O menino, Danan, assentiu. — Eles sempre cuidam de nós.

A pequena garota, Aura, deu um aceno de cabeça também. — E Neve. Ela briga muuuuito bem.

Mersi sorriu. — E Neve, também.

Esses dois fugitivos tinham feito um lar na caravana, esquecendo-se lentamente do ataque pirata de areia que havia matado sua família. Ela adorava vê-los tão certos sobre o fato de que eles estavam seguros e bem cuidados.

Ela não se sentia assim até estar muito mais velha.

Gritos ecoaram na areia. Levantou a cabeça e viu Bren, Corsair e Neve correrem para a luta, com as armas levantadas.

Mersi deu um passo inconsciente para frente, querendo se juntar a eles, mas ela sabia que precisava ficar para trás. Ela percebeu a figura de Bren, com os pés abertos, enquanto disparava sua enorme besta.

— Todo mundo fica calmo. — ela gritou para a caravana. Viajantes e trabalhadores circulavam em volta, excitação e preocupação em seus rostos.

— Talvez eles estejam lutando contra invasores. — Danan respirou, horror em sua voz.

Mersi revirou os olhos. Caçadores, pessoas levadas a estuprar, pilhar e consumir carne sem pensar, eram um dos perigos mais temidos do deserto. Algo no território dos invasores mudou as pessoas e os deixou loucos. — Não estamos nem perto do território dos invasores.

— Aparições do deserto? — Aura disse de olhos arregalados.

— Nós não estamos no território Wraith, também. — A tribo de guerreiros vivia no fundo do coração do deserto. Eles eram ferozes combatentes que podiam se camuflar e, se você ficasse fora do território deles, eles deixavam os viajantes em paz.

— Talvez seja o Tainted. — A voz de Danan engatou, desta vez com medo real.

Mersi estremeceu. Os contaminados eram o perigo que os pais do deserto ameaçavam com seus filhos indisciplinados. Pessoas que

ingeriram o Taint - micróbios escuros que viviam em piscinas escondidas nas montanhas do deserto - transformaram-se em monstros.

— Acho que não. Eu nunca vi um Tainted. — A única mancha que ela tinha visto era a droga que os viciados da cidade costumavam se afastar do mundo real. Tinha sido nomeado para a mancha escura do deserto.

Mas uma vez ela viu uma vila que havia sido atacada por um dos Tainted. Ela saboreou a bílis em sua garganta. Ela às vezes ainda tinha pesadelos sobre os corpos dilacerados e manchas de sangue nas paredes.

Momentos depois, Bren, Corsair e Neve estavam voltando para a caravana. Mersi soltou um suspiro trêmulo.

Corsair se aproximou com um sorriso arrogante, sua electroblade de volta em sua bainha pelo quadril. Neve estava caminhando ao lado dele, sua equipe se levantou contra seu ombro.

E Bren estava de cara feia para ... Mersi piscou para o nó emaranhado correndo a seus pés.

O animal de cor bege parecia uma grande bola de pelo emaranhada.

— O *que é isso* ? — ela perguntou.

A coisa levantou a cabeça e olhou para ela. Ela não podia ver nenhum olho através do pêlo rosnado, mas uma grande língua rosa estava pendurada para fora. A besta também tinha uma cauda longa, com pontas perversas no final, que estava abanando de uma forma amigável.

— Parece ser algum tipo de canino. — disse Corsair.

— Eu nunca vi um animal como ele antes. — Bren franziu a testa para o canino farejando suas botas. — Os piratas estavam tentando capturá-lo.

— Captura-lo? — Mersi se agachou e o animal se aproximou dela. — Não matá-lo?

Bren deu um passo à frente. — Cuidado.

— Está tudo bem, Bren.

— Ele fede e é selvagem. Ele poderia ser perigoso.

Aquela língua gigante lambeu o rosto de Mersi. Quando a criatura se aproximou exuberantemente, quase a derrubou. Ela riu. — Sim, ele parece muito perigoso.

— A noite está a apenas algumas horas de distância. — disse Corsair. — Vamos levantar um pouco mais cedo e acampar aqui. — O nariz do mestre da caravana enrugou-se. — Melhor dar ao nosso novo hóspede uma lavagem.

— Venha, você. — Mersi puxou a pele emaranhada da criatura. Ele brincou rosnando para ela, empurrando as patas na areia e erguendo a bunda no ar.

— Mersi, ele pode parecer estranho e bobo … — O tom de Bren era infeliz — Mas ele poderia ser perigoso.

Ela pegou outra lambida e a criatura bateu com a cabeça contra os joelhos. —Sim, ele é um verdadeiro demônio.

Ela se dirigiu para um dos transportes na parte de trás da caravana. Os trabalhadores já estavam retirando tendas e outros equipamentos para montar o acampamento.

Estendendo a mão, ela tentou levantar uma pesada banheira de metal do transporte.

Braços fortes alcançaram ao redor dela, e Bren levantou-a como se não pesasse nada. Ele saiu do caminho dos trabalhadores e colocou-o na areia.

— Você cuida do animal — disse ele. — Eu vou pegar água.

—Obrigado. Vamos lá, Fiend. — Ela gostou do nome dele. Ele era o animal menos demoníaco que ela tinha visto, apesar de seu tamanho.

— Fiend? — Bren sacudiu a cabeça.

— Aposto que você está com fome. — disse Mersi ao animal.

Quando os trabalhadores da cozinha começaram a preparar a refeição da noite, Mersi conseguiu comida nos baús de armazenamento. Quando ela ofereceu ao animal alguma carne curada, ele devorou instantaneamente.

Logo, Bren tinha bastante água no banho. Ele arregaçou as mangas e, por um segundo, Mersi se distraiu com a poeira dos cabelos castanhos em seus antebraços fortes.

Fiend choramingou. Ele olhou para a banheira, claramente não feliz.

— Vamos lá, garoto. — persuadiu Mersi.

Bren cruzou os braços musculosos sobre o peito e franziu o cenho. A desconfiança estava escrita em toda a sua grande forma.

Mersi puxou delicadamente Fiend. Ele puxou para trás, longe do banho. Ela puxou mais forte, e quando ele empurrou de volta, Mersi quase caiu em seu rosto. Pela areia, ele era forte.

— Sente-se. — Bren latiu, seu tom de comando.

A bunda de Fiend caiu no chão e ele estremeceu.

— Fiend, no banho. — disse Bren.

O canino saltou para o banho, espirrando Mersi com água. Ela riu. Finalmente, o canino sentou-se, parecendo descontente. Ela começou a espirrar água sobre ele.

— Obrigado. — ela chamou por cima do ombro para Bren.

— Você ainda precisa ter cuidado.

Ela estava acostumada a Bren ser excessivamente cauteloso. Ele levou a proteger a caravana e todas as pessoas a sério. Ela encheu a palma da mão com sabão e começou a lavar o animal, resolvendo alguns

dos emaranhados em sua pele. Em pouco tempo, ela percebeu que levaria algumas lavagens para libertá-lo completamente dos nós e rosnados. Havia um ponto particularmente emaranhado no peito dele que ele não a deixaria tocar. *Na próxima vez garoto.*

Ela enxaguou-o, e a quantidade de sujeira e areia no fundo do banho a fez estremecer.

Ela mudou o cabelo emaranhado em torno de seu rosto para o lado e viu uma fileira de quatro olhos sob o pêlo.

Bren se ajoelhou ao lado dela. — Estranho essa coisa.

— Eu gosto dele. — Ela esfregou a cabeça do cachorro, deixando seu pêlo cair. — Você é tão pateta e amigável. Agora, hora de sair.

Ela colocou um tapete no chão e tirou alguns panos de secagem. Fiend saltou para o tapete e Mersi esfregou os panos sobre ele. Ele desabou, como se estivesse exausto.

Ela olhou para Bren para fazer um comentário, e viu que ele ficou imóvel como uma estátua. Ele estava olhando para o peito dela.

Olhando para baixo, ela percebeu que tinha ficado encharcada durante o banho, e a água deixara sua camisa quase transparente.

Fiend de repente pulou para cima, dando uma cabeçada nos joelhos de Bren e o jogando em Mersi.

Seus braços envolveram ao redor dela, impedindo-os de cair na areia. *Drak* , seu corpo estava tão quente e duro. Seus dedos roçaram a pele em seu pescoço e ela estremeceu. Seu coração estava batendo e ela lambeu os lábios. Seus olhares se encontraram.

Ela viu Bren inalar com força, e então a mão em seu pescoço deslizou para baixo, roçando seu lado, roçando o lado de seu seio.

Calor flechou entre as pernas dela. — Bren. — Sua voz era baixa e rouca.

Ele gemeu, e antes que ela percebesse, ele abaixou a cabeça.

Pelas areias, Bren estava beijando-a. Seus lábios estavam firmes, abrindo-se sobre os dela. Mersi subiu na ponta dos pés, deslizando a língua na boca dele. Ela sonhara com o gosto dele, mas a realidade era ainda melhor do que ela imaginara.

Sua língua encontrou a dela, dura e exigente. Sua mão se moveu e segurou seu seio. Desejo acendeu dentro dela e empurrou para ele.

Mais. Ela queria mais. Precisava mais.

De repente, Fiend se aproximou.

Bren e Mersi se separaram.

O animal empurrou-se contra eles. Mersi tentou colocar ar em seus pulmões e fazer seu cérebro disparar novamente. Realmente, porém, ela só queria os braços de Bren em volta dela, e os lábios dele nos dela.

— Bren ...

— Mersi …

A carranca em seu rosto disse que ela não estava recebendo outro beijo. *Drakking dos infernos.*

Fiend deu uma cabeçada no joelho, quase derrubando-a. E foi quando ela viu que a pele emaranhada no peito dele, que ele não deixava que ela tocasse, se separou. Algo escuro estava enterrado em sua pele.

— O que é isso? — ela disse.

Bren olhou para o canino e pegou o objeto.

Ele levantou uma pequena nota enrolada.

Mersi ofegou. — O que é isso?

***

O que drago ele estava pensando?

Bren lutou contra a necessidade correndo por ele. Ele nunca deveria ter tocado em Mersi. Ou provado dela.

Enquanto desenrolava a nota, o sabor de Mersi ainda estava em seus lábios, e ele ainda sentia o peso pesado de seu peito em sua palma. Ele sempre lutou para não tocá-la. Ele sabia que até mesmo o menor gosto dela faria ficar longe dela mais difícil. E agora a porta estava um pouco aberta. A fome escorreria, se ele não estivesse vigilante.

Bren entregou a nota a Mersi, tentando ignorar a cor em suas bochechas.

Ela leu e ofegou. Ela inclinou o papel para que ele pudesse lê-lo. O que ele viu fez com que rangesse os dentes juntos.

Estava escrito no roteiro do deserto e simplesmente dizia uma palavra.

Socorro.

Ao lado havia uma pequena marca de mão que devia ter vindo de uma criança.

— *Drak* — disse ele.

— Pela areia. — Mersi olhou para cima, o rosto preocupado.

Fiend jogou a cabeça desgrenhada para trás e uivou. Foi um triste e longo choro.

— Precisamos mostrar isso para a Corsair. — disse Bren.

Ela assentiu e deu um passo para longe do cachorro. Bren pegou rapidamente um pano seco e colocou-o em volta dos ombros para cobrir a camisa molhada. Ela deu-lhe um olhar, mas não protestou.

Com o Fiend trotando ao lado deles, encontraram Corsair e Neve perto das tendas. Quando mostraram ao casal a nota, os dois franziram o cenho.

Perto dali, Fiend começou a andar, olhando para o deserto que escurecia.

— Você acha que ele sabe onde esta criança está? — Neve perguntou.

Bren estudou o animal agitado. — Sim.

Corsair parecia sério. — A caravana precisa continuar em movimento.

— Não podemos ignorar isso. — disse Mersi. — Não se há a vida de uma criança em risco. Eu vou investigar.

O estômago de Bren se apertou. De jeito nenhum ele a deixaria ir sozinha para o deserto.

Fiend apareceu, inclinando-se entre ele e Mersi. O cachorro olhou para cima, parecendo quase esperançoso.

— Mersi e eu vamos seguir o animal. — disse Bren. — Eu sou o melhor rastreador.

Ela olhou para ele e lançou-lhe um sorriso ofuscante. Ele sentiu em seu sangue.

Corsair assentiu. — Ok, eu vou te dar um dia.

Mersi agarrou o braço da Corsair. — Obrigado.

— Pegue os suprimentos que você precisa e tenha uma boa noite de sono — acrescentou o mestre da caravana. — Todos nós vamos sair de manhã - nós para Kor Magna, e vocês dois para encontrar a criança.

— Boa sorte. — acrescentou Neve.

— Se você não estiver de volta em um dia, eu vou atrás de você. — Corsair olhou para Bren, e eles foram amigos o tempo suficiente para que Bren pudesse ler a mensagem sem precisar de palavras. Seu amigo estava dizendo a ele para cuidar de Mersi.

Bren assentiu, já planejando a viagem em sua cabeça.

Corsair passou o braço pelos ombros de Neve e levou sua mulher embora, deixando Bren e Mersi sozinhos.

Ele evitou o olhar dela, olhando para as dunas. Os sóis estavam se pondo, lançando longas sombras pelo deserto.

— Você deveria ter uma noite de sono. — Ele olhou para ela. Sua pele era tão bonita à luz, assumindo um tom dourado. Sua própria pele era mais escura e áspera do que a dela.

— Bren. — Ela apertou a mão no braço dele.

Ele continou ali.

— Você não pode ignorar esse beijo. — disse ela.

Ele poderia *drakking* bem tentar. Ele encolheu os ombros. — Não deveria ter acontecido.

Ela fez um som irritado, e ele olhou para ela novamente.

— Bem, aconteceu. — Ela ergueu o queixo. — Isso deveria ter acontecido há muito tempo.

— Não.

Ela soltou um suspiro. — Você é *tão* teimoso.

Ele permaneceu em silêncio, curvando os dedos para impedir de alcançá-la. A escuridão nele se contorceu, lutando contra ele. Mas ele não deixaria isso tocá-la. Nunca.

Ela fez um som de rosnado. — Bren, você não pode ter perdido o fato de que eu estou atraída por você.

Suas unhas grossas cravaram nas palmas das mãos e ele desviou o olhar dela.

Mersi pressionou as mãos contra o peito dele. — E eu sei que você me quer também. — Um suspiro suave. — Por favor, você vai olhar para mim?

Bren se forçou a encontrar seu olhar. Aqueles olhos únicos o pegaram. Ela estava tão *drakking* bonita. Tudo o que ele queria, mas não podia ter.

Ela era uma das coisas mais importantes em seu mundo, e ele não arriscaria ela. Desde o primeiro momento em que ele a levantou da areia - queimada de sol e sangrando - jurou protegê-la de todos os perigos.

— Eu não quero você. —Ele forçou as palavras além de seus lábios. — Você está perdendo seu tempo.

Seu rosto caiu.

A dor a enterrou mais fundo que a arma mais afiada. Ela tropeçou para trás um passo.

— *Drak* você, Bren.

Então ela girou e correu.

CAPÍTULO QUATRO

Mersi acordou com um peso quente pressionado contra o lado dela.

Ela piscou. *Fiend*. O animal estava roncando alto. Ela olhou para o tecido da tenda, movendo-se suavemente acima dela, e se moveu ligeiramente contra as almofadas fofas de sono embaixo dela.

Normalmente, ela acordava revigorada e com um sorriso, pronta para qualquer aventura que o dia trouxesse.

Hoje, ela estava com os olhos aridos da falta de sono. Ela sentou-se, estudando seu espaço. Normalmente enchia-a de alegria silenciosa. Tudo era dela - todas as coisas especiais que ela trocou. Sua tenda estava cheia de cores vibrantes - cobertores macios, tecidos luxuosos, travesseiros estofados.

Dela.

Crescendo em uma família enorme e muito pobre, ela não tinha nada próprio. Ela usava roupas de segunda mão e dividia a cama com as irmãs. E então ela foi vendida e não tinha nada.

Ela amava todas as coisas, mas Mersi se perguntou porque ninguém a amava.

Ela suspirou. Esse pensamento não era verdade. Suas amigas se importavam com ela, sua família de caravana se importava, as crianças do deserto que ela ajudara a resgatar se importavam.

Por que Bren não podia amá-la? Empurrando seus pensamentos, ela saiu de debaixo do Fiend e das cobertas. Ela era uma menina grande e seus sentimentos eram dela para lidar. Ela era digna de amor e ela iria encontrá-lo.

Ela foi até a área de lavagem isolada, onde tinha uma tigela e um jarro de água. Rapidamente, lavou-se e vestiu as calças justas e a parte superior bege e solta, e então envolveu seu cachecol leve em volta do pescoço. Ela pegou os óculos de areia e colocou-os no cabelo.

Agora, ela tinha algo mais importante para se concentrar. Ela tinha uma criança para encontrar.

O som de algo quebrando a fez virar. Fiend havia derrubado a lata de lixo e estava tirando algo do lixo.

— Ei. —Ela gentilmente bateu no nariz dele. — Por aqui. — Ela pegou alguns petiscos de sua coleção e deu-lhe alguns. Ele os devorou.

Sacudindo a cabeça para ele, ela tirou seu pacote deserto bem gasto e reuniu as coisas que ela precisava para a viagem - uma mudança de roupas, lanches, bexiga de água. Finalmente, ela amarrou a faca ao cinto e checou sua pistola de laser.

Então, ela endireitou os ombros. Então, Bren não a queria ... e daí? Ela sobreviveu muito pior. Ela era uma mulher do deserto, e ela faria o que sempre fazia, suportar. Como as areias, as dunas e os ventos do deserto.

Enquanto ela saía da tenda para o silêncio matutino do deserto, viu Bren de pé junto aos *tarnídeos*. Havia várias crianças dançando ao redor dele, e quando ela chegou mais perto, ela viu que ele estava escorregando os doces de rocha.

Ela o estudou por um longo momento. Ele tinha um leve sorriso no rosto áspero. Um sorriso que ela adorava ver, porque ele era tão mesquinho com isso. Mas, ao mesmo tempo, olhar para ele era um soco duro e doloroso em sua barriga.

Sua cabeça virou de repente e ele a viu. Seu sorriso se dissolveu. Uma das garotinhas abraçou as pernas dele, e ele se inclinou e roçou a bochecha dela.

Bren tinha muito a oferecer. Se apenas ele se permitisse. *Supere, Mersi*. Como as dunas. Ela soltou um suspiro. Às vezes superar era uma merda.

As crianças correram, passando por Mersi, parando para dar-lhe abraços e beijos. Quando chegou a Bren, ela amarrou as correias de sua mochila.

— Estou pronta. — disse ela.

Ele assentiu, seu rosto cuidadosamente em branco.

Seu peito se apertou. Depois do beijo da noite anterior e do que ela disse a ele, ele não tinha nada a dizer para ela. *Droga.* Ela mentalmente usou a maldição da Terra que ela pegou de Neve.

Mas agora, a raiva penetrou em sua dor. Ela controlou-a, pisando na direção dos *tarnídeos*. Eles eram seus sentimentos, não dele. Bren nunca mentiu para ela, ou fez promessas que ele não tinha cumprido.

Ela viu quando ele subiu em seu *tarnid*, Hajar, com um movimento suave e poderoso. Então ele segurou a mão para ela.

Ela franziu a testa. — Eu posso levar Jila.

— Temos um dia, então será mais fácil viajar com uma fera.

Drak. Resignada, ela colocou a mão na dele e deixou que ele a ajudasse. Com uma flexão de seu braço, ele a ergueu como se ela não pesasse nada. Ela subiu, sentando na frente dele.

Fiend soltou alguns ganidos excitados, e quando Bren cutucou seu animal. Fiend partiu na frente deles. Sua cabeça desgrenhada inclinou-se para o chão enquanto ele cheirava, seguindo uma trilha que só ele podia sentir.

Mersi se mexeu, tentando se sentir confortável. Não era a equitação que a incomodava, era o corpo grande e rígido de Bren pressionado atrás dela.

Dedos duros seguraram seu quadril. Ela ficou imóvel, mantendo o olhar fixo na areia à frente. Ela sentiu a tensão nele e uma pequena parte dela esperava que ele sentisse o mesmo desejo que ela sentia. Se ela estava desconfortável, ela queria que ele fosse também.

Eles viajaram por uma duna e logo perderam a visão da caravana. O balanço da fera e o calor crescente do dia ajudaram a relaxá-la. Depois de um tempo, ela gostou bastante da sensação sólida de Bren atrás dela.

Algumas vezes ele deslizou do *tarnid* para seguir rastros na areia. Ele ensinou-lhe algumas habilidades de rastreamento, mas ela não conseguia ver nada na areia. Mantendo Hajar na pista, ela observou Bren atravessar a areia, parando de vez em quando para se agachar e tocar o chão. Fiend trotou ao lado dele.

Quando ele voltou atrás dela, ele passou um braço ao redor de sua cintura. — Você está cansada.

— Um pouco.

— Descanse.

Mersi nunca descansou durante o dia. Sempre havia coisas para organizar e trabalhar para fazer. Mas graças a sua noite sem dormir, ela cochilou.

Quando ela acordou lentamente, os braços de Bren estavam ao redor dela e ela o cheirava. Ela sempre amou o cheiro dele - couro, fumaça e a *lei que* ele gostava de comer. Ele tinha uma daquelas balas em sua boca agora, se ela não estivesse enganada. Ela soltou um pequeno zumbido e enterrou o rosto contra o peito dele.

Este era um dos seus sonhos favoritos. Trancada nos braços de Bren, absorvendo sua força.

Então ela sentiu a mão dele apertar em seus cabelos, e ela percebeu que não era um sonho.

Seus olhos se abriram e ela se endireitou. Ela piscou, absorvendo as grandes dunas à frente e os penhascos rochosos que ela viu além deles. Então, ela olhou para cima e viu Bren olhando para ela. Havia tanto calor em seus olhos escuros, e ela se perguntou se ainda estava sonhando.

— Bren.

Ela viu quando seu rosto se fechou, seus olhos ficaram vazios. Ela cerrou os dedos na camisa dele.

— Não se afaste — ela sussurrou. — Por favor.

— Você não entende. — Sua voz era dura como areia.

— Nós queremos dizer algo um para o outro. Eu me preocupo com você e quero você. Eu quero mais.

Um músculo marcou em sua mandíbula. — Eu não tenho mais para dar.

— Você tem. — ela insistiu. — Eu vejo isso.

Seu rosto se arrepiou. — Não.

— *Drak* , você é teimoso. Você tem!

Sua voz se elevou. — Eu estou protegendo você.

— De que? — ela gritou de volta para ele.

— De mim!

As palavras explodiram dele, e eles se encararam. Sua boca pressionou em uma linha dura.

— Explique — ela exigiu.

Ele balançou sua cabeça. — Eu não posso ser o homem que você quer ou precisa.

Mersi conseguiu a última de sua coragem. Ela segurou por muito tempo e era hora de deixar a verdade sair, não importa o que acontecesse. — Eu te amo, Bren.

Seus dedos apertaram-na com tanta força que doeu. Seu rosto se contorceu.

— Eu me lembro do dia em que te vi pela primeira vez. Eu estava feliz por morrer no deserto, mas eu estava tão sozinha. Você me pegou e me segurou perto. Eu me senti tão segura.

Ele continuou olhando, a emoção fervendo em seus olhos castanhos.

— E nos anos seguintes, você continuou a me manter segura. Você sempre esteve lá por mim. Meu silencioso e sólido Bren. — Ela segurou sua bochecha trincada. — Meu protetor, meu amigo. Um homem que tem tanto carinho trancado dentro dele, embora ele raramente o deixe solto. Como eu não poderia me apaixonar por você?

Ele arrastou uma respiração, seu grande corpo estremecendo. Esperança brotou dentro dela.

Então ela assistiu como toda aquela emoção fugiu de seu rosto, deixando em branco. — Você merece alguém que possa lhe dar o que você precisa, Mersi. Alguém para te amar do jeito que você deve ser amada.

Sua boca ficou seca. *Drakking* inferno, ela não sabia que isso poderia doer tanto. — Isso é tudo que você tem a dizer?

Ele olhou para ela em silêncio.

— Então, você quer que eu encontre um homem? — Um músculo em sua mandíbula voltou a marcar, mas Mersi estava além do cuidado. — Que aqueça a sua cama e tenha seus bebês? — Agora ela viu algo selvagem nos olhos castanhos. — Você vai dar aos meus filhos um doce de bala, Bren, sabendo que eles poderiam ter sido seus?

Ele não respondeu, porque naquele momento, Fiend grunhiu.

Este não foi um som amigável. Foi um som que levantou os cabelos no pescoço de Mersi.

Bren empurrou o *tarnid* para uma parada. À frente, Fiend tinha parado, seu grande corpo alerta enquanto olhava para a duna à frente. Seu corpo estava vibrando.

Bren e Mersi examinaram a duna. Ela não podia ver ou ouvir nada. De repente, Bren estendeu a mão e tirou sua espada.

Então ela ouviu o eco de latidos e uivos. Seus músculos ficaram tensos. Um bando de feras de quatro patas e velozes coroava a grande duna. Eles invadiram a areia.

Ah não. As criaturas tinham corpos poderosos e pescoços longos com uma cabeça blindada projetada para atacar.

Eles também tinham dentes afiados para rasgar a carne.

— *Corex*. — disse Bren.

Mersi puxou a pistola do coldre. Bren saltou do *tarnid* , levantando sua espada.

***

Bren correu para encontrar o enxame do *corex* .

Os animais eram bons caçadores, e muitas vezes trabalhavam em pares para atacar suas presas e enfraquecê-las até que pudessem entrar para matar. Ele balançou a espada e desviou de um *núcleo de* carga antes de afundar sua espada no intestino de um segundo.

Quando ele girou, outra criatura atacou-o. Ele se esquivou daquela cabeça blindada, mas as mandíbulas se aproximaram. Ele mergulhou e rolou pela areia.

Ele ouviu o gemido de um laser e viu uma explosão atingir um *corex* próximo. Ergueu-se e soltou um grito ondulante.

Com o canto do olho, Bren viu Mersi parada ali perto, com os pés abertos, disparando de forma constante. Seu rosto estava concentrado enquanto ela apontava e puxava o gatilho.

Mas então ele viu um *corex* correndo para ela por trás. *Drak*.

— Mersi! — ele gritou.

Ela não entrou em pânico. Ela torceu a cabeça, viu a criatura. Sem problemas, ela girou a pistola e disparou. Com a outra mão, ela tirou a faca do cinto e a jogou.

Tão destemida, a sua Mersi.

A lâmina atingiu o *corex* entrante em um de seus olhos. A criatura se levantou, cascos perigosos chegando perto de Mersi. Muito perto.

A escuridão dentro de Bren se agitou.

Ele cortou outro animal para tirá-lo do caminho e sentiu uma picada ardente em seu lado. Ele ignorou a dor. Ele tinha que chegar a Mersi.

Então, um flash de movimento chamou sua atenção. Outro *corex* estava cobrando na Mersi. Era maior que o resto, seu couro mais escuro - o touro alfa.

— Mersi! — Bren gritou.

Ele correu em direção a ela, mas dois *corex atacaram*-no. Ele mergulhou na areia para evitar ser atingido por eles.

Mersi se virou, com o corpo tenso. Ela atirou no alpha *corex* , mas era grande demais, blindado demais, e o laser não afetou.

Bren saltou, sabendo que ele estava muito longe. A besta iria atropelá-la até a morte antes que ele pudesse alcançá-la.

Ela se abaixou, jogando os braços para cima.

Uma enorme forma saltou entre ela e o *corex*.

Bren respirou fundo. A nova criatura era grande, negra, desgrenhada e duas vezes maior que o touro alfa. Sua cauda farpada se erguia por trás, tecendo de um lado para o outro. Seus olhos vermelhos brilhavam, queimando através de sua pele negra.

O *corex* derrapou até parar, areia voando. A criatura grande e negra soltou um rugido aterrorizante e correu para frente, mandíbulas gigantescas agarrando o touro alfa. Com duas mordidas, os ossos rangeram. Com uma sacudida de sua cabeça poderosa, o monstro negro jogou o corpo flácido *do corex de* lado.

Bren se aproximou, cautela em cada passo. — Mersi. Volte devagar.

Mas ela estava olhando para o animal preto em descrença. Ela se aproximou da criatura.

— Mersi — Bren sibilou.

Ela estendeu a mão. — Fiend?

O animal gigante se virou e olhou para ela. Por um breve segundo, uma língua rosa saiu de entre as presas afiadas como navalhas. Então sua cabeça enorme girou, seu olhar vermelho se estreitando no *corex* restante. Ele correu para frente, saltou pelo ar e rasgou as criaturas restantes com rosnados selvagens.

Bren fechou a distância para Mersi, envolvendo um braço em volta dela. *Drak*. A besta negra era *Fiend*. Ambos olharam, sem palavras, quando a enorme fera demônio matou os restantes do *corex*. O rabo farpado do Fiend estava cortado e esfaqueado.

— Você está bem? — Bren finalmente perguntou.

Ela balançou a cabeça. — Hajar fugiu.

— Ele voltará assim que a ameaça passar.

Um segundo depois, Fiend trotou de volta para eles. Bren ficou tenso. Mas quando o animal se aproximou, seu corpo encolheu a cada passo. O preto em sua pele se esvaiu, deixando-o ainda rosnado e emaranhado, mas agora bege-marrom novamente.

Fiend cutucou o focinho contra as pernas de Mersi e soltou um bufo cansado. Ele estava encharcado de suor e sangue. Ela se inclinou e o abraçou. Bren relaxou devagar. Ele estava certo de que o animal não significava mal a ela.

Ele olhou fixamente. O que o *drak* era essa criatura?

Enquanto Mersi elogiava o canino, ele se contorcia, se intrometendo nela para se aproximar.

Ela tinha visto o animal se transformar e matar, e ainda assim ela ainda estava abraçando-o como se ele fosse apenas um bichinho pateta.

Algo profundo dentro de Bren estremeceu.

Mersi disse que ela o amava. Seu peito se apertou. Ele não sentia amor há muito tempo. Ele estava certo de que ele não merecia isso.

Mas enquanto observava Mersi, a mulher mais linda que ele já tinha visto, bagunçou o pêlo manchado de sangue e lhe prometendo um tratamento, Bren sentiu algo se mover através dele.

Algo ainda mais perigoso que a escuridão que vivia dentro dele.

Esperança.

CAPITULO CINCO

Mersi esfregou o pelo de Fiend. Ele estava suado e claramente exausto. Seja qual for o tipo de criatura alienígena que ele era, mudar de forma para lutar tirou isso dele.

— Você tem um protetor.

Ela olhou para Bren e depois se levantou. Foi então que ela viu o sangue manchando sua camisa. Seu coração batia forte contra as costelas. — Você está sangrando.

Ele encolheu os ombros. — Não é nada…

— Onde? — Ela começou a acariciá-lo.

— Mersi …

— Shush — Ela tocou o lado dele e sentiu o derramamento pegajoso. Ela cutucou a lágrima em sua camisa. Uma garra o atingiu.

Ele tocou. — *Drak*

Ela puxou o lenço de seu pescoço e se ajoelhou, pressionando o pano em sua ferida.

Bren fez um som estrangulado.

— O que é …? — Ela olhou para cima e foi quando ela percebeu o quão perto ela estava dele. Seu olhar caiu para o nível dos olhos ... até a protuberância grande e inchada na frente de suas calças.

Oh. Mersi congelou. Ele disse que não a queria, mas essa mentira a estava encarando bem no rosto.

O desejo - quente e cantarolando - rugiu para a vida dentro dela. Ela *não* ia deixar o homem teimoso continuar a afastá-la. Ele a queria e ela o queria.

Então ela se lembrou que o sangue dele estava em suas mãos e ele estava ferido. Ela puxou o pano e verificou a ferida.

Realmente não era tão ruim e o sangramento já havia parado. Ela sabia que ele tinha piorado.

De repente, uma longa e triste melodia ecoou na areia.

Sua cabeça se ergueu. Ela jogou o lenço manchado de sangue em volta do pescoço e pulou ao lado dele. Fiend estava de novo em alerta, encarando a duna novamente.

Mersi afastou o cabelo suado. — E agora?

Um músculo assinalou a mandíbula de Bren. — Nada bom.

Figuras apareceram na crista da duna, vestidas com trajes desgrenhados e brandindo armas.

Sua barriga se apertou em um nó duro. — Piratas da areia.

Havia tantos deles. Ela puxou a pistola de laser novamente e rapidamente verificou. Sua carga ia acabar muito antes de os piratas terem ido embora.

Fiend rosnou.

— Há muitos deles. — ela respirou. Os ferimentos de Bren não eram ruins, mas outra luta o faria sangrar novamente. E Fiend estava drenado.

Ela agarrou a mão de Bren. — Bren.

— Eu não vou deixar ninguém te machucar. — Seu tom era plano e assustador.

Sua respiração ficou presa e ela olhou em seus olhos. Ela viu algo trabalhando neles, algo desconhecido que a assustou. — Nós poderíamos tentar e correr …

— Eles vão nos atropelar.

Desamparo brotou. Ela não queria morrer aqui.

Seus dedos apertaram os dela. — Eu nunca vou deixar ninguém te machucar. — Uma promessa sinistra.

Mersi congelou. Seus olhos castanhos estavam escurecendo, negros escuros derramando-se nos brancos.

— Bren. — Ela agarrou o braço dele. — Seus olhos.

Por um segundo, ele parecia triste. — Não me odeie, Mersi.

Ele se inclinou e deu um beijo duro em seus lábios. Então ele se virou, subindo a duna em direção aos piratas.

Acima deles, os piratas gritaram, os uivos crescentes reverberando contra a areia. Eles desceram a duna.

Mas Mersi não tirou os olhos de Bren.

O que o *drak* estava fazendo? O que estava acontecendo?

Enquanto ela observava, o preto se derramou sobre sua pele, como se estivesse explodindo dele. Suas roupas rasgaram e explodiram seu corpo.

Ela ofegou em horror, seu peito bloqueado apertado. Fiend soltou um gemido confuso. Enquanto Mersi assistia, os músculos de Bren se arregalaram, aumentando de tamanho. Ele estava completamente negro agora, como se tivesse sido mergulhado em alcatrão. O homem que ela conhecia como Bren tinha ido embora, deixando uma criatura de pesadelo em seu lugar.

A criatura, Bren, virou-se para olhá-la.

E foi quando ela percebeu o que ele era.

— Tainted. — Choque reverberou através dela.

Ele olhou para ela por mais um segundo, então ele se virou e soltou um rugido. Ele atacou os piratas da areia.

Mersi tentou absorver tudo, seu coração batendo tão rápido que ela pensou que ia sair do peito. Ela observou os piratas gritarem de terror. Náusea brotou em sua garganta.

Ela se lembrava de seus pesadelos. Lembrou os horrores daquela aldeia antiga.

Bren alcançou o primeiro deles. Ele agarrou um homem e o rasgou com as próprias mãos.

Bren. Seu Bren estava contaminado. Ela apertou um punho à boca. Ele era o flagelo das dunas, o monstro do deserto. Ela começou a tremer.

Um assassino. Seu Bren. O pavor a encheu quando ela se lembrou dos mitos sussurrados que diziam que uma vez que um Tainted começasse a matar ... ele não poderia ser parado.

***

O poder pulsava dentro dele sua visão era afiada, tudo em preto e branco.

Bren jogou outro atacante. Então outro.

Mate. Mate. Mate.

Ele prosperou nos gritos, a escuridão dentro dele os consumindo. Ele tinha que proteger Mersi. Eles ameaçaram sua mulher e ele acabaria com eles. Cada um.

Bren jogou os braços para fora e jogou a cabeça para trás. As garras negras em suas mãos brilhavam à luz do sol. Os piratas estavam recuando, correndo.

A escuridão sorriu. Bren se lançou depois do inimigo em fuga.

O Taint sentiu as almas podres dos piratas. Podia sentir todas as pessoas que os piratas haviam matado e abusado. A escuridão era atraída pela escuridão.

Ele agarrou um homem, jogando-o no ar, cortando com suas garras.

Dor atravessou sua perna e ele olhou para baixo. Uma lança passou pela coxa dele.

Ele puxou a lança e rugiu. Ele girou, seu olhar pousou no pirata que tinha jogado. O homem se encolheu na areia.

Bren saiu com o braço, levantando o pirata. Ele voou pelo ar e bateu no chão.

— Juntos — uma voz profunda gritou. — Abaixe o Tainted, ou ele matará todos nós.

Espadas cortaram a barriga de Bren e uma flecha passou zunindo por sua orelha. Uma espada perfurou seu lado e ele rugiu, descendo sobre um joelho.

— Bren! — O grito de Mersi.

De repente, uma bola grande de pêlo preto correu na frente dele. Fiend apertou as mandíbulas na bunda de um pirata próximo. O homem gritou.

Bren explodiu em um frenesi de luta renovada. *Mate. Proteger.* Fiend rosnou, lutando ao lado dele.

Juntos, os dois rasgaram os piratas até os gritos desaparecerem e o sangue manchar a areia. O último dos piratas estava morto.

Bren ficou parado, o peito arfando, seu sangue fluindo quente em suas veias. Ele olhou para os cadáveres ao seu redor.

A escuridão queria mais. *Mate. Mate. Mate.*

— Bren.

Uma mulher entrou na frente dele.

Mersi. Seu rosto estava alerta. Ela era tão linda. Mersi, doce Mersi. Ele respirou fundo e sentiu o cheiro dela. Ele cheirava o óleo que ela usava, feito da videira *gianni* do oásis Gal'neena.

Ela era beleza e luz, e ele era a escuridão.

Ele deu um passo para trás, encarando o sangue que manchava suas mãos. Não, não mãos. Garras.

Ela o tinha visto agora. Ela viu a escuridão que o manchava. Ele sabia que ela tinha pesadelos sobre o Tainted.

Sobre ele.

Seus ombros caíram e ele olhou para a areia, desejando que ela o engolisse.

— Ei. — Ela se aproximou e seus dedos roçaram o peito dele. Sua pele estava pálida contra o preto tinta. — Acabou agora. Você me protegeu.

Confusão passou por ele. Por que ela não estava correndo? Por que ela estava tocando nele? Por que não havia terror no rosto dela?

Em vez disso, ele só viu paciência em suas feições.

— Bren. — Ela acariciou seu peito. — Você pode voltar para mim agora.

***

Era isso que ele estava escondendo.

O coração de Mersi estava batendo como um tambor de deserto. Toda a sua vida, ela ouviu rumores, mitos e histórias de horror sobre o Tainted.

Bren estava contaminado.

Imagens do sangue e corpos martelaram em sua mente, mas ela se agarrou a um pensamento. Este era Bren. Ela engoliu em seco. Este era *Bren*.

Ele a salvou. Ele a protegeu. Ela o conhecia há tanto tempo. Seus raros sorrisos. Sua força. O jeito que ele bagunçou o cabelo de uma criança.

Ela acariciou sua pele escura. Seu peito estava arfando, seus músculos tensos.

— Está tudo bem agora. — ela disse calmamente. — Todos os piratas se foram. Você cuidou de mim.

Olhos negros como tinta olhavam para ela. Os olhos que ela conhecia tinham sido descritos repetidamente nas histórias de horror como sem alma, selvagem e feroz.

— Volte — ela murmurou.

Enquanto ela observava, o preto lentamente desapareceu de sua pele.

Depois de um minuto, Bren ficou ali, nu, com os cabelos castanhos molhados de suor grudados na cabeça.

— Você está bem? — ela perguntou.

Ele assentiu.

Então Mersi recuou e deu um tapa nele.

Seus olhos se fecharam. — Eu sou um monstro. Eu mereço mais do que isso.

— Eu não bati em você porque você é Tainted, Bren. — A raiva dela cresceu, sufocando-a. Parecia uma explosão em sua barriga. —Você pensou tão pouco de mim que você escondeu isso. Por *anos*.

A confusão atravessou seu rosto. — Você tem pesadelos sobre o Tainted. Você me disse que viu uma vila uma vez ... Eu sabia que você me odiaria.

— Eu *conheço* você. — ela chorou. — Eu te conheço melhor do que ninguém, mas você não confia em mim.

Ele agarrou o braço dela. — Eu estava protegendo você. Eu sou perigoso.

— Você estava se protegendo. — ela cuspiu.

— Eu nunca quis que você olhasse para mim com horror.

— Você vê horror? — Ela jogou os braços para o ar. *Tolo, homem de cabeça dura*. — Isso é raiva. — E magoa.

— Eu pedi, Mersi.

Ela baixou os braços e piscou. — O que?

— Minha família era pobre. Eu fui trabalhar para um senhor da guerra local. Ele me ofereceu a escolha de me tornar Tainted. Para me tornar um dos seus mais fortes executores.

Mersi engoliu em seco. Pelas dunas, Bren pediu por isso?

Ela tentou processar as palavras dele. Mas este era *Bren*. Sólido, forte e cauteloso Bren. Ele nunca teria aceitado a Taint imprudentemente.

— Eles coletaram o Taint de uma piscina secreta nas montanhas do deserto. — Sua boca se apertou. — Eu bebi. — Uma pausa. — Agora eu vejo horror em seus olhos.

— Não, estou pensando nisso. — Ela inclinou a cabeça. — O senhor da guerra lhe ofereceu mais do que dinheiro. Diga-me porque você fez isso.

Um músculo marcou em sua mandíbula.

— Pela a sua família. — disse ela.

— Sim, eu enviei dinheiro a eles.

— Não, foi mais do que isso. — Ela podia ver em seus olhos castanhos. — Proteção. Você me disse que sua família tinha uma fazenda de areia e que era perto do território do invasor do deserto.

Bren fechou os olhos, respirando com dificuldade.

Ele fez isso para proteger sua família. *Oh, Bren.*

Então seu pulso chutou. Ela sabia que Bren havia perdido sua família. — O senhor da guerra renegou?

Os olhos de Bren brilharam. — Eu gostei do poder, Mersi, e logo … — uma respiração irregular — Comecei a gostar do assassinato também. A escuridão ... isso anseia. A maioria dos Tainted é selvagem, eles não podem controlá-lo, mas eu podia. Não é fácil, mas geralmente posso limitar o assassinato. O senhor da guerra me cobriu com dinheiro e ... outras coisas. — Bren baixou o olhar, olhando para a areia.

Ela lançou-lhe um olhar azedo. — Mulheres.

— Eu não estava em casa há tanto tempo. Uma parte de mim não queria ir para casa, nem para o pó, as bocas famintas, o desespero. Mas minha irmã mais nova me escreveu cartas. Ela sentia a minha falta. — Seu rosto mudou. — Zari era tão doce. E tão inteligente.

Mersi segurou a mão dele. — O que aconteceu?

— O senhor da guerra nunca enviou os guardas que ele prometeu. Nunca os protegi. Fui para casa e encontrei a fazenda queimando. — O rosto de Bren estremeceu. — Raiders tinham matado todos eles.

— Oh, Bren. — Ela colocou os braços ao redor dele e o abraçou, desejando poder absorver sua dor. Ela sempre soube o quão profundamente ele estava sofrendo por dentro, mesmo quando ele não falaria sobre isso.

Seus braços se fecharam ao redor dela. — Zari ainda estava viva.

O peito de Mersi trancou. *Ah não.*

— Ela foi infectada pelos atacantes. — Sua voz era sem tom.

— Não. — sussurrou Mersi.

— Sim. Minha doce irmã era uma invasora raivosa e faminta. — Seus braços se contorceram nela.

— Eu sinto muito, baby.

— Eu me tornei Tainted por *nada*. Eu não os protegi. E então tive que acabar com a vida da minha irmã.

Sua respiração estava dura agora.

Mersi sabia que *essa* era a cicatriz mais profunda dentro dele. Ele finalmente estava deixando-a entrar. — Você tentou protegê-los, Bren. Não foi sua culpa.

Ele não respondeu, apenas segurou-a com mais força.

De repente, Mersi notou o fato de que Bren estava nu. E pior, ela sentiu a umidade encharcando suas roupas. Ela respirou fundo. Bren estava sangrando.

Ela recuou, absorvendo o corte sangrento do seu lado. Sua lesão de antes não foi nada comparado a esse corte novo e desagradável. Ela o examinou, tentando muito ignorar o pau incrivelmente grande entre as pernas dele. Ele tinha outro corte na coxa.

—Vamos, deixe-me cuidar de suas feridas, e você pode se trocar.

— Elas vão curar. — disse ele. — Quando eu volto, sempre me cura um pouco.

— Bem, você ainda está sangrando. — Ela olhou para cima e, quando avistou Hajar e Fiend nas proximidades, soltou um suspiro de gratidão. — Vamos encontrar um lugar seguro para acampar e descansar um pouco.

Bren olhou para ela.

— Deixe-me cuidar de você. — ela sussurrou.

Ele não disse nada, mas ele a seguiu. Eles viajaram pela última duna até o chão rochoso à frente. Quando chegaram a Hajar, Mersi pegou suas mochilas. Ela levou Bren até as rochas próximas.

— Há uma borda decente lá em cima com boa sombra. — Bren acenou com a cabeça. — Largo o suficiente para descansar e facilmente defensável.

Eles subiram para a borda e Fiend saltou atrás deles.

O canino se movia ao longo do espaço, farejando, antes de escolher um local com vista para o deserto. Ele caiu com um *whuff* de um suspiro e se enrolou em uma bola.

Mersi tirou a bolsa. Ela puxou o tapete de dormir e colocou-o no chão. Então ela abriu seu pequeno kit de cura. Bren vasculhou sua própria bolsa e começou a puxar algumas roupas.

Ela tirou o material de cura. — Hum, não se incomode em colocar suas calças. Eu preciso limpar essa perna.

Ele hesitou, mas obedeceu. Ele sentou-se no tatame, colocando a camisa limpa no colo.

—Você e o Fiend precisam descansar por um tempo e se recuperar. — Mersi se ajoelhou na frente dele, molhou um pano e começou a enxugar

a ferida feia do seu lado. Ela rezou para que a criança que eles estavam procurando estivesse segura. *Ainda estamos chegando, pequenino. Assim que pudermos.*

Mersi lavou cuidadosamente todo o sangue e sujeira. Então ela se mudou para o ferimento da coxa de Bren. Ele nem sequer recuou.

Em seguida, ela tirou um tubo de gel que compraram da Casa de Galen em Kor Magna. Uma de suas mulheres da Terra era uma cientista, que havia feito enormes melhorias no gel. Mersi começou a alisá-lo sobre os arranhões e cortes de Bren.

Ela continuou acariciando sua pele, querendo aliviar sua dor. E, bem, se fosse honesta, gostava da sensação de seus músculos firmes. Sua pele era mais escura e áspera do que a dela, e ela achou fascinante.

Ela ouviu um gemido abafado.

— Desculpe, estou te machucando ... — Ela olhou para cima e suas palavras morreram.

Seu corpo inteiro estava tenso. Ele se mexeu novamente, e foi quando o olhar dela se fixou na ereção dura que mal era coberta pela camisa que ele tinha colocado sobre o colo.

Oh . Desejo invadiu Mersi e ela lambeu os lábios. Ele era tão grande e ela o queria tanto. Ela terminou de cuidar de suas feridas, sua mão tremendo.

Ela voltou a colocar a tampa no gel. Então ela acariciou suas mãos até as coxas, para os músculos de seu estômago.

— Mersi. — Um som estrangulado.

— Eu quero você, Bren. Você. Assim como você é.

Os músculos sob seus dedos ficaram tensos.

— Você vai me deixar tocar em você? — ela perguntou.

Olhos castanhos profundos encontraram os dela. — Eu deixaria você fazer qualquer coisa para mim, Mersi.

Com isso, ela deslizou a mão para baixo, bateu sua camisa, e envolveu a mão em torno de seu pau duro.

CAPITULO SEIS

Bren estava queimando.

Desejo rugiu através dele, fazendo sua pele se sentir apertada. Seu pau estava duro e latejante.

Mersi estava tocando-o. — O que você está …?

— Você é tão grande, Bren. — Sua voz era rouca. — Tão duro.

Ele engoliu um gemido. Seus dedos eram suaves e quentes, e ele olhou para baixo, observando enquanto ela o acariciava. Seu pau era grande e escuro, cheio de veias, e seus dedos pareciam delicados em comparação.

Mas ela não era delicada. Ela era a mulher mais forte que ele conhecia.

— Eu imaginei fazer isso. — ela murmurou.

Agora ele gemeu. — Drak ... é tão bom.

Seu aperto aumentou quando ela o bombeava. Aqueles belos olhos de água-marinha estavam trancados em seu pau, seus lábios entreabertos. Ele não viu horror ou medo, apenas maravilha e excitação.

— É bom?

— Sim. — Aquelas mãos magras e competentes continuaram a trabalhar nele, explorando-o. *Drak*. Ele não duraria muito, não com Mersi tocando-o.

Seu olhar encontrou o dele. — Eu queria desesperadamente tocar em você.

Seus quadris se ergueram contra sua vontade. Sua mão se moveu mais rápido, e sua outra mão desceu mais abaixo, acariciando e massageando-o.

Ele gemeu novamente. — Mersi.

Foi um aviso. O prazer estava inchando e seu controle foi desfeito.

— Deixe ir, Bren. Mostre-me.

Quando seu orgasmo o atingiu, um gemido saiu de sua garganta. Seu corpo estremeceu e ele começou a gozar, derramando-se por toda a mão de Mersi e seu estômago.

Drak. Aconteceu rápido demais. Sugando no ar, ele tentou encontrar seu controle. Apenas o menor toque dela, e ele era como um jovem inexperiente novamente.

Mas então Mersi circulou seus dedos através do gozo em seu intestino. Ainda havia maravilha em seu rosto corado.

Então ela olhou para cima. — Isso foi tão sexy.

Ela estava de joelhos na frente dele e ele a viu apertar suas coxas juntas. Suas bochechas estavam rosadas e havia desejo em seus olhos.

Para ele.

Com um grunhido, ele avançou, caindo de costas no tapete de dormir. Cobriu o corpo dela com o dele e as mãos dela seguraram o bíceps dele.

— Me diga o que você precisa? — ela murmurou.

— Você — ele rosnou. — Sempre foi você. Eu fantasiei sobre você por tanto tempo. Tocando você, saboreando você, estando alojado dentro de você.

O peito dela engatou. — Você não tem que fantasiar mais.

Ele gemeu e abaixou a cabeça para beijá-la. Seus lábios eram tão macios e sua língua ansiosamente emaranhada com a dele. As mãos dela subiram, cerrando os cabelos dele, e ela ondulou contra ele.

Então ela recuou. — Seus ferimentos ...

— Estão bem. — Ele não sentiu nada. Tudo o que ele podia sentir era sua necessidade e seu pau já duro novamente.

Ela lambeu os lábios. — Diga-me o que você fantasiou?

— Que cor são seus mamilos. Quão gordos seus seios se sentiriam em minhas mãos.

— Então, descubra. — disse ela com voz rouca.

Ele não perdeu tempo. Ele sentou-se, escarranchando-a e abriu a camisa. Ele puxou as amarras de seus seios, amando a pele que ele descobriu.

Então ele segurou seus seios, seu intestino se contraindo. Necessidade bombeou através dele. — *Drak* , você é tão linda, Mersi.

Ela arqueou em seu toque com um grito rouco. Ele passou os delicados mamilos rosados.

Então ele abaixou a cabeça. Ele precisava prová-la. Ele chupou um mamilo em sua boca. Suas mãos apertaram seu cabelo, mais gritos vindo dela. Ele sabia que sua barba estava raspando sua pele, mas o jeito que ela se movia e os sons que ela fazia lhe diziam que ela gostava.

— O que mais ... você pensou? — ela ofegou.

Ele moveu as mãos para baixo, abrindo as calças dela. Ele se inclinou para trás, puxando-as pelas pernas. Ela tinha um corpo bonito - magro, mas forte.

— Colocando minha boca em você. — Ele segurou-a sobre a calcinha.

Ela gemeu. — Faça. Por favor.

Bren não tinha mais o controle para tirar sua calcinha. Em vez disso, ele torceu os dedos na lateral do tecido de seda e os arrancou dela.

— Oh — Ela mordeu o lábio, observando-o com fome.

Ele caiu entre as pernas dela, cutucando as coxas dela com os ombros. Ele respirou o perfume dela. Ela estava tão molhada, encharcada por ele.

Lutando para não se apressar, ele abaixou a cabeça e pôs a boca nela.

Ela gritou. *Drak*. O gosto dela encheu-o. Ele deslizou as mãos por baixo dela, segurando sua bunda. Ele a puxou para cima, lambendo, sua língua apunhalando nela.

— Bren. — Um grito selvagem.

O olhar em seu rosto o fez estremecer. Seu pau estava tão duro que doía.

— Não pare. — ela implorou.

— Nada poderia me fazer parar. — Ele queria dar-lhe prazer. Ele queria vê-la quando ela veio do seu toque.

Ele lambeu mais e deslizou um dedo dentro de seu calor.

Ela gritou, seu corpo apertando o dedo dele. Ele cerrou os dentes. Ela estava tão apertada.

Bren manteve os dedos mergulhando dentro dela, acrescentando outro e outro. Ele beijou seu caminho até o corpo dela - sobre a curva de sua barriga, entre seus seios, ao longo de sua clavícula. Então ele beijou seus lábios e sentiu seu corpo começar a tremer.

— Eu vou …

— Venha. — ele rosnou. — Me dê isso.

Quando ela gritou, ele engoliu seus gritos.

— Bren. — Foi um grito doce e encharcado de prazer contra seus lábios.

Como a risada dela, foi a melhor coisa que ele já ouviu.

***

Todos os musculos do corpo de Mersi estavam soltos e relaxados. Ela não tinha certeza se já se sentiu tão bem.

Mas apesar do orgasmo, ela sentiu uma profunda e vazia dor no interior. Ela olhou para Bren, que pairava sobre ela. Seu rosto estava duro de desejo.

— Venha dentro de mim. — ela exigiu. — Agora.

Ele levantou-se acima dela, e seu olhar caiu sobre seu peito largo e pedaços de músculo. *Oh*. Ela apertou as mãos para ele. Ela sempre amou seu corpo forte.

Ele se mexeu novamente e, dessa vez, sua barriga se contraiu. Seu pau grande e grosso estava duro novamente, pressionando contra seu estômago.

— Venha aqui. — ela murmurou.

Ele caiu, cobrindo o corpo dela, e sua boca voltou para a dela.

— Agora quero o que sempre sonhei. — disse ela.

— O que é isso?

— Você. Bem fundo em mim.

Ele gemeu e a beijou novamente - longo e profundo. Sua mão trabalhou entre eles por um momento. Então, a cabeça grossa de seu pau roçou-a e cutucou dentro dela.

Ela gemeu. Ele mal estava dentro dela, mas pelas dunas, ele a esticou.

Bren fez uma pausa, seu grande corpo tremendo.

— Não pare. — Ela estendeu a mão, apertando as mãos em seus braços.

— Estou machucando você.

—Não dói muito. — Ela levantou os quadris, enrolando as pernas ao redor dele.

Um som áspero arrancou de sua garganta e ele afundou em outra polegada.

— Bren. — Quando ele se mexeu, como se fosse se afastar dela, ela cravou os calcanhares em suas costas, empurrando-o para frente. — Foda-me. Por favor. Não pare.

— Mersi.

— Seja meu. Eu já sou sua.

Seus olhos brilhavam. — *Minha*. Minha Mersi. — Ele puxou para fora, mas depois bateu de volta dentro dela.

Oh . Ela arqueou para ele, mordendo o lábio. Ela estava tão cheia.

Então ele começou a empurrar - selvagem, duro e profundo.

— *Drak*, Mersi. Você é tão apertada.

— Perfeito. Tão bom. — Ela encontrou seu olhar quente. — Eu sempre soube que seria assim.

Ele continuou mergulhando nela, e ela segurou-o com força. Outro orgasmo estava chegando mais perto, mas ela queria saborear cada momento. Ela adorava ver seu rosto enquanto ele se movia dentro dela.

Seu olhar se fixou no dela, e quando ele a encheu, ela sentiu o elo entre eles. Prazer correu sobre ela e ela gritou, então Bren gemeu.

Seu corpo estremeceu, a sensação foi tão intensa. Ele empurrou para dentro dela novamente e jogou a cabeça para trás, rugindo quando sua própria liberação o atingiu.

Seu grande corpo estremeceu acima dela antes que ele caísse sobre ela, ambos ofegando.

Ele estava pesado e ela lutou para respirar. Instantaneamente, ele rolou para longe dela e ela se agarrou a ele. — Não. — Ela não queria perder a sensação dele.

— Muito pesado para você. — Ele se moveu para o lado, puxando-a para perto dele.

Ela descansou o rosto no peito dele. — Vamos ficar assim para sempre. — Ela sabia que não podiam. Eles descansariam o suficiente e ainda havia uma criança lá fora que precisava de ajuda.

Ele grunhiu, seu braço apertando nela. — Me desculpe, eu não disse a você.

— Você não estava pronto. — Ela passou os dedos em um círculo preguiçoso no peito dele. — Conversaremos mais quando voltarmos, depois que encontrarmos a criança.

— Eu sempre serei Tainted, Mersi.

— Eu não me importo.

— Tem mais. Sobre como eu me tornei Tainted.

— Mais tarde. — Ela pressionou uma palma em seu peito, sobre o baque de seu coração batendo. — Mas lembre-se de uma coisa, Bren. Você merece uma vida. Você merece amor.

— Mersi …

Ela balançou a cabeça, medo insidioso trabalhando através dela. Ela ouviu as sombras em sua voz. *Drak* , e se eles voltassem para a caravana,

e ele quisesse esquecer o que eles acabaram de compartilhar? E se ele voltasse a calá-la?

Ela sentou-se. Ela não deixaria. Mas agora, eles tinham uma criança para encontrar. Ela olhou para Fiend, que estava se mexendo de sono. Ele parecia muito mais brilhante.

Mersi pegou suas roupas e vestiu-se. Bren se lavou e se vestiu. Ele deu a Mersi um pouco de comida - carnes curadas, nozes e frutas em conserva. Ela comeu, depois levou um momento para alimentar Fiend e limpar o sangue de seu pêlo o melhor que pôde.

Enquanto arrumava a mochila, viu Bren parado na beira da borda, olhando para o chão rochoso.

— Mais algumas horas para a luz do dia. — ele murmurou. —Rochas vai tornar mais difícil de rastrear.

— Nós não vamos desistir. — Ela se inclinou para o lado dele e quando ele a puxou para perto, sentiu o calor florescer em seu peito.

De repente, Fiend começou a andar, claramente agitado. Ele choramingou.

— O que há de errado, garoto? — Mersi disse.

O canino jogou a cabeça para trás e uivou. Então ele se virou, saltando da borda e correu para as rochas.

— *Drak* — Bren pegou sua mochila e besta.

Mersi agarrou suas botas, pulando em um pé para colocá-las. Ela pegou sua mochila, balançando-a de costas.

— Nós vamos perdê-lo. — Bren disse. — Depressa!

Eles correram atrás do canino, escalando as rochas. Mersi podia apenas ver Fiend à frente deles.

Passaram por cima de pedras enormes e derraparam pedras soltas, semelhantes a cascalho. Ela seguiu Bren até uma pedra enorme e assistiu,

quando ele pulou e caiu do outro lado com uma curva de seus joelhos. Quando ela saltou atrás dele, Bren a pegou, abaixando-a para o chão.

— Cuidado, o chão é muito duro aqui. — ele avisou.

Eles subiram outra parede de pedras. Preocupação beliscou nela. Eles perderam a visão de Fiend.

Drak , a criança estava perto? Ou algum perigo deixou o cachorro louco?

Ela não tinha certeza de quão longe eles tinham ido, mas quando o segundo sol passou no horizonte, a luz diminuiu.

Bren fez uma pausa, examinando a crescente escuridão. — Onde *drak* ele foi?

Então ela ouviu latidos.

Estava vindo de *baixo* deles.

Ela viu uma rachadura nas rochas. Havia um leve brilho vindo através dele.

— Bren — ela gritou. — Lá em baixo. — Ela apontou para a fenda entre as grandes pedras.

Bren puxou uma varinha de luz e acenou para o espaço entre as rochas. Eles ainda não conseguiam ver muito. Sem pausa, Bren saltou pela fenda, deslizando entre as pedras. Mersi seguiu.

Então ela o ouviu amaldiçoar.

Quando ela deu outro passo, seus pés aterrissaram em cascalho e ela escorregou. *O que …?* Ela esbarrou em Bren e, de repente, os dois deslizaram e caíram sobre pedras soltas. Era como um slide grande e não muito divertido.

Bren envolveu seus braços ao redor dela, puxando-a para perto. Ela enterrou o rosto no pescoço dele.

Então eles deslizaram em terra firme e derraparam até parar.

Mersi levantou a cabeça e sua boca se abriu. Eles se sentaram no fundo de uma enorme tigela de rocha que havia sido cortada no chão. O espaço era margeado por pedras irregulares e o céu noturno se arqueava acima deles.

Espere. Ela percebeu o que era - uma cratera. Alguma rocha há muito tempo tinha se arremessada pelo espaço e atingido o solo aqui. Ela tinha visto outras crateras espalhadas pelo deserto, mas esta estava escondida pelo chão rochoso que a rodeava.

Então ela olhou para o centro da cratera e ofegou. Bren murmurou uma maldição.

As ruínas de prédios antigos haviam sido escavadas no centro da depressão. As estruturas eram feitas de uma rocha que brilhava com uma luz azul-branca. Mersi nunca tinha visto rocha assim antes no deserto.

As estruturas estavam desmoronando, pouco mais do que conchas quebradas, abandonadas há muito tempo. Ela viu onde uma torre havia caído, deixando um rastro de entulho que cobria o chão.

Bren se levantou, arrastando Mersi com ele. Sua grande mão envolveu a dela quando ele a puxou para frente.

Quando se aproximaram do primeiro dos prédios antigos, Mersi viu estranhas esculturas gravadas nas rochas em uma linguagem que ela não reconheceu. Mas algumas das esculturas eram imagens e uma imagem se destacava. Uma flor com três pétalas caneladas.

Uma *oria*.

Uma flor rara e altamente valorizada que era o símbolo dos Criadores.

Ela ofegou. — Estas são ruínas do Criador.

De repente, um estalo selvagem dos gritos de Fiend ecoou nas rochas ao redor deles.

CAPITULO SETE

Bren assistiu Mersi partir para as ruínas, subindo pelos restos de uma parede de pedra brilhante. Ele correu para segui-la, ajudando-a no que provavelmente fora o telhado do prédio.

Ele mal podia acreditar que eram ruínas do Criador. Os antigos alienígenas não deixaram muito para trás para significar sua passagem, exceto por algumas ruínas excepcionalmente raras, e todas as espécies que eles criaram e deixaram por toda a galáxia.

Bren se levantou no telhado, olhando para Fiend. O canino estava lá, latindo, seu corpo desgrenhado tremendo.

Então Fiend se moveu e Bren viu a pequena figura encolhida em um cobertor esfarrapado.

— Pelas dunas. — Mersi correu para a frente.

Eles se agacharam ao lado do cobertor. A menininha tremia, a pele escorregadia de suor. Seus cabelos loiros estavam escorridos e presos no rosto.

Por um segundo horrível, Bren estava de volta à fazenda da família. Por um segundo, era Zari deitada ali, infectada pelos invasores.

— Ei, querida. — Mersi se aproximou, movendo-se devagar. Ela estendeu a mão e tocou a testa da menina, afastando o cabelo do rosto.

A garota choramingou e se inclinou no toque de Mersi. Seus olhos se abriram, fadiga e dor em seus olhos azuis.

Então, os olhos da garota piscaram brevemente e depois voltaram ao azul normal.

Bren sentiu como se tivesse sido chutado por um *tarnid*.

Drak. Mersi sibilou em uma respiração.

— Ela está contaminada. — disse ele.

Fiend, que estava por perto, caiu ao lado da garota. Ele se inclinou para perto, descansando o focinho na barriga dela.

— Ambos devem estar contaminados.

— Você acha que é por isso que o Fiend pode mudar? — Mersi disse.

Bren assentiu.

Ela franziu a testa. — Mas ele não vai totalmente preto e seus olhos estavam vermelhos.

— Eu acho que o Taint reage de maneira diferente em sua espécie. — Mas a reação foi semelhante o suficiente para fazer sentido. *Drak*. — Bren deveria ter percebido.

Mersi tirou a mochila e tirou um cobertor. Ela tirou a esfarrapada e manchada da menina e envolveu-a na limpa. — Ela está doente, Bren. Ela está queimando.

— Ela não está na transição. Ela deve ter sido contaminada recentemente. — Ele franziu o cenho. — Ela precisa de atenção médica. — E para ser monitorada para ver se ela podia controlar a Taint dentro dela.

Mersi olhou para ele. — Ela merece ajuda.

— Claro que sim. — Ela era uma menina pequena e inocente.

— E ela merece amor e carinho.

— Nós vamos cuidar dela. — disse ele.

— Você merece tudo isso também, cara grande.

Ele parou, seu olhar travando com o dela.

— Se você acha que deveria se isolar de todos porque é Tainted, então acha que devemos fazer o mesmo com ela.

— Mersi. — Ele segurou sua bochecha. — Nem todo mundo pode controlar o Taint. A maioria dos Tainted são monstros.

— Você não é. Você pode controlá-lo e você pode ensinar essa menina a fazer o mesmo.

Ele esfregou o polegar ao longo de sua bochecha. — Eu não mereço você.

— Provavelmente não, mas você me pegou. E agora que eu tenho você, não vou desistir de você.

Pela areia, ela o matou. Emoção disparou através de seu corpo, e ele acariciou o polegar em sua bochecha. — Nós vamos ajudar a menina.

Mersi assentiu. — Vamos tirá-la daqui.

Bren pegou a menina em seus braços. Ela era um peso tão pequeno. — Nós vamos cuidar de você.

Olhos azuis olharam para ele antes de se fecharem.

Ele cuidadosamente desceu das ruínas e viu Mersi pastoreando o Fiend. Eles estavam voltando para a rachadura pela qual passaram, quando ouviram vozes.

Os dois congelaram e Bren apertou a garota. Ele viu um grupo derrapar na depressão rochosa.

Bren rapidamente empurrou a garota em Mersi e ficou na frente delas. Ele tirou a balestra das costas.

Um homem mais velho, com uma túnica rica e vermelha, deu um passo à frente, cercado por homens que claramente eram seus guardas. Eles estavam todos armados, rostos sérios. Bren estudou o homem. Suas roupas eram debruadas em ouro, e ele andava com uma arrogância que dizia que achava que ele estava no comando.

Bren olhou para o rosto envelhecido e escarpado. O homem envelhecera, mas o sorriso no rosto e o mal em seus olhos ainda eram os mesmos. O choque reverberou através dele. *Não.*

Atrás dele, ele ouviu Mersi chupar em uma respiração chocada. Ele olhou para trás e viu quando o medo fluiu sobre o rosto dela.

— Bren ... — Sua voz era pouco mais que um sussurro. — Esse é … — ela estremeceu — O senhor da guerra que me comprou como adolescente.

Respirando através de suas próprias emoções, ele murmurou: — Fique para trás.

Antes que eles pudessem fazer alguma coisa, eles estavam cercados, armas apontadas para eles.

— Eu vejo que você tem algo que pertence a mim. — disse Warlord Vark.

O homem mal olhou para Mersi, em vez disso, seu olhar estava no pequeno pacote de calafrios em seus braços.

— Essa menina é minha. — continuou Vark.

Fiend rosnou.

Vark fez uma careta para o cachorro. — E essa é a ameaça que saltou no Taint e a salvou. Eu vou ter sua pele.

— Você Tainted uma menina. — Mersi cuspiu, sua voz vibrando de raiva.

Bren ficou em silêncio, avaliando cada um dos guardas. Ele precisava descobrir uma maneira de tirar Mersi e a garota daqui.

— Descobrimos que quanto mais jovem alguém é contaminado, maior a chance de controlá-lo. — disse Vark. — Se ela sobreviver, ela é um investimento muito valioso.

— Ela é uma *menina.* — retrucou Mersi.

O olhar de Vark se estreitou em Mersi, e Bren detestava o fato de que o ladrão de areia olhava para ela.

— Eu conheço você? — Vark inclinou a cabeça para o lado.

Bren sentiu a escuridão subir em seu peito e suas mãos se apertaram em sua besta. Desta vez, ele deu as boas vindas. A cor sangrava de sua visão, deixando tudo pintado em preto e branco. Ele protegeria Mersi e a criança, o que fosse preciso.

Suas mãos e braços tremeram, ficando negros.

— Você não pode tê-la. — A voz de Bren era um profundo rugido.

Ele ouviu suspiros ao redor. Os guardas levantaram suas armas mais alto.

— Você está contaminado. — O olhar do senhor da guerra se fixou no rosto de Bren e um lampejo de reconhecimento percorreu os olhos castanhos do homem. — Bren. Bren Hahn. — Vark sorriu friamente. — Faz muito tempo desde que eu vi você, velho amigo.

Mersi fez um som abafado atrás dele.

Agora ela sabia. Bren vendeu sua alma para o senhor da guerra que uma vez tentou prendê-la.

— Você nunca foi meu amigo. — disse Bren.

O senhor da guerra olhou para Mersi. — Você tem uma mulher bonita, Bren. Seria uma pena que ela se machucasse. — Vark inclinou a cabeça. — Você faz o que eu digo e eu vou deixá-la ir.

Bren soltou uma risada dura. — Aprendi da maneira mais difícil que suas promessas não valem nada, Vark.

Um olhar desagradável cruzou o rosto do homem mais velho. — Você foi valioso para mim também. Não pense que eu te perdoei por fugir.

Bren sabia que Vark mataria todos eles. Ele machucaria Mersi para chegar a Bren. Ele pegaria a garotinha, e se ela sobrevivesse, ele a torceria em um monstro.

Bren olhou para Mersi. Ela parecia pálida. Ele tentou dizer a ela como se sentia com os olhos. Ele a amava desde o dia em que ela sorriu para ele pela primeira vez. Tinha sido apenas alguns dias depois de se recuperar de sua fuga para o deserto. Ela tinha sido tão bonita e o ajudou a consertar um dos geradores. Ela sempre fazia perguntas, estava curiosa sobre tudo e o fazia sorrir.

Que ela pudesse amá-lo era um milagre.

Ela segurou seu coração, e ele daria tudo o que ele tinha para garantir sua sobrevivência.

Ele girou e deixou a mancha livre.

A escuridão se derramou sobre sua pele e ele soltou um rugido.

***

Mersi abraçou a menina perto do peito. A coitada choramingou, mas Mersi não olhou para ela, ela manteve seu olhar em Bren.

Ela viu a escuridão correr por seu corpo enquanto ele aumentava de tamanho.

Seus músculos se arquearam, seus braços estendidos. Havia beleza nele. Uma força primal selvagem.

Ela respirou fundo. Ela sabia que ele lutaria para protegê-las. Ela sabia que ele daria sua vida para fazer isso.

Como ele achava que ele era um monstro, ela não tinha ideia.

Vark gritou ordens, e seu olhar girou para o velho senhor da guerra. *Drak*. Só de olhar para ele a fez sentir como se tivesse dezesseis anos e com medo de novo. Agradeça às areias que ele não a reconheceu. Nenhuma surpresa desde que ela correu quase tão logo foi vendida para ele.

Não só ele era o homem que tentou escravizá-la, ele era o homem a quem Bren havia vendido seus serviços. Um homem que usava e abusava das pessoas para seu próprio prazer e ganho egoístas.

Bren não queria dizer a ela que tinha sido Vark. Ela balançou a cabeça. Ela iria trabalhar nele sobre esse hábito de guardar segredos dela.

De repente, Bren avançou, mãos com garras balançando. Os guardas atacaram-no.

A náusea subiu na garganta de Mersi. Bren era dela e ela não queria vê-lo ferido. Ela não se importava se ele fosse o bicho-papão do deserto.

Ele lutou descontroladamente. Um guarda gritou, e os ossos rangeram com um som alto e estridente. Outro guarda voou, batendo nas ruínas. Vários outros correram para Bren, mas ele abaixou a cabeça e atacou. Ele bateu neles. Um voou de volta para a parede de um prédio em ruínas e a rocha explodiu, pulverizada em pó.

Bren se abaixou, girou e rugiu.

Mersi se moveu, rastejando ao redor da borda da luta. Ela viu que dois guardas a tinham localizado e seguiam em sua direção.

Drak. Ela olhou para as ruínas que se erguiam acima dela. Havia uma saliência não muito longe, talvez uma velha sacada. Ela subiu, rezando para não deixar cair a garotinha. Ela deu um assobio agudo e Fiend seguiu.

Ela chegou à varanda, observando os restos desintegrados de uma grade. Quando ela olhou para baixo, viu os dois guardas subindo atrás dela.

Ela colocou a garota para baixo e pegou sua pistola de laser. Ela mirou e atirou. Um dos homens caiu para trás com um grito. O outro continuou chegando, e puxou-se para a borda, atirando-lhe um sorriso feio.

Fiend se adiantou e rosnou. O guarda nem sequer olhou para ele.

— Você cometeu um erro nos seguindo. — disse Mersi.

Fiend começou a crescer em tamanho, seu pelo escurecendo. Os olhos do guarda se arregalaram e ele tropeçou para trás.

O imenso canino negro passou correndo por ela.

Com um grunhido, Fiend apertou suas enormes mandíbulas na perna do homem, sacudindo-o. O guarda gritou e caiu de costas. Fiend foi para a garganta do homem. Juntos, eles deslizaram pela borda da sacada, os gritos do guarda abruptamente cortados.

Então houve um rugido selvagem vindo de baixo.

Bren.

Mersi correu para a borda e olhou por cima. Ela o viu de pé abaixo, o chão ao redor dele cheio de corpos. O sangue escorria de seu estômago e pernas.

Oh, drak. Seu pulso saltou. Ele estava ferido.

Outro guarda com uma lança correu para ele. Bren atacou. Ele ainda estava lutando, mas ela podia dizer que seus movimentos estavam ficando lentos.

Ela examinou a cratera e avistou Vark. Ele se afastou, sorrindo enquanto observava a luta.

Bastardo. Era outra palavra de maldição da Terra que ela aprendeu com Neve.

Mersi observou quando um dos guardas de Vark levantou um rifle de laser. Ele atirou em Bren. O laser verde atingiu Bren e seus rugidos aflitos ecoaram nas rochas.

Ela levantou a arma e mirou. Ela disparou, não acertando no guarda, mas ele mergulhou no chão. Ela continuou atirando, tentando ajudar Bren.

De repente, outro guarda balançou algo sobre sua cabeça. Ela franziu a testa. *E agora?*

Ele lançou e ela viu que era uma corrente. A extremidade em loop caiu sobre o braço esquerdo de Bren. O homem recuou, apertando a corrente. Outro homem correu para ajudá-lo e a corrente se apertou no braço de Bren. Ele se virou, puxando a corrente, mas não quebrou.

Outra corrente estalou sobre o braço direito, mais dois guardas puxando a ponta.

Bren lutou contra os laços, torcendo e girando. Ele arrastou os guardas pela areia, mas as correntes não cederam.

Mersi girou, mirando nos guardas. Sua pistola estalou e seu estômago caiu. Estava fora de carga. *Não.*

Um guarda carregando uma longa equipe de metal se aproximou. Ele bateu o cajado nas pernas de Bren.

Bren caiu de joelhos, e o homem apontou a ponta afiada do bastão para a parte inferior das costas de Bren.

Ele rugiu.

Não. A bile subiu na garganta de Mersi. Ela tinha que ajudá-lo.

Ela correu para a garota, apertando o cobertor ao redor dela. Fiend havia reaparecido, ainda em sua forma contaminada.

— Fiend. — Ela agarrou o pescoço do canino. — Fique com ela.

O animal desgrenhado choramingou.

Ela esperava que fosse um sim. Mais rugidos de Bren ecoaram das paredes de pedra. Ela se virou, pegou a faca do cinto e pulou da borda.

***

A dor era uma coisa arranhando dentro dele.

Bren estava de joelhos, lutando contra as correntes que o seguravam no lugar. Ele tinha que continuar lutando. Ele sentiu o sangue escorrer pelo corpo, a vida e a força se esvaindo dele.

Mas ele não conseguia parar de lutar.

Ele puxou as correntes e ouviu alguém gritar.

Por que ele teve que continuar lutando? Seu cérebro estava ficando nebuloso.

Então ele a viu. Ela estava correndo em direção aos guardas e jogou a faca. Um guarda caiu, segurando seu intestino. Ela saltou sobre ele, puxando a faca de volta. Outro guarda correu para ela.

Ela se abaixou e chutou para ele. Seu soco pegou seu braço e ela perdeu a faca. Voou pelo ar e atingiu a areia. O guarda circulou-a e ela se agachou. Ela pegou uma espada solta.

Ela levantou, balançando do jeito que Bren a ensinou.

Mersi.

Sua cabeça clareou instantaneamente.

Ele se levantou, tentando roubar os guardas mais próximos. As correntes foram puxadas para trás, mantendo-o abaixado.

Mersi chegou a ele. Ela levantou a espada sobre a cabeça e a balançou.

Clang.

A lâmina acertou os elos da corrente. Ela ergueu novamente e balançou novamente. A corrente se rompeu.

— Levante-se, Bren. — ela pediu.

Aqueles olhos de água-marinha brilhavam através de sua visão em preto e branco. Bren viu um clarão vermelho. Ele rugiu, ficando de pé. Ele puxou, sentindo os guardas na corrente restante cair. Ele girou e saltou para eles.

Alguns golpes duros os derrubaram.

Então, ele ouviu Mersi amaldiçoar.

Ele girou. Ela estava lutando com Vark.

O senhor da guerra a puxou de volta, um braço em volta do meio dela. Ele afundou uma mão no cabelo dela e puxou sua garganta, expondo-a. Ele segurou uma faca pressionada contra sua pele macia.

Bren parou, mas rugiu novamente.

— Ela é minha agora. — disse Vark.

— *Drak* você. — gritou Mersi, lutando contra ele.

— Eu acho que você pode ser uma boa adição ao meu harém.

— Nunca, você é otário da areia.

Bren rosnou.

De repente, o senhor da guerra chutou uma espada na areia. Ele deslizou para os pés de Bren.

— Se você quer que ela viva — disse Vark, — Faça o que eu digo.

As mãos de Bren se curvaram. A escuridão estava se debatendo dentro dele e ele não conseguia pensar.

Então Mersi ofegou, e Bren viu que Vark tinha cortado sua garganta. Um fio de vermelho escorria por sua pele.

Bren pegou a espada.

Mersi sacudiu a cabeça. Seu cabelo se soltou e caiu sobre os ombros em uma confusão emaranhada. — Bren, o que ele diz, não faça isso.

— Fique quieta. — Vark a sacudiu. Então o senhor da guerra olhou para Bren. — Você é muito perigoso. Um macho adulto que pode controlar a mácula? Muito perigoso. Caia na espada e eu vou deixá-la viver.

Mersi respirou fundo. — Não.

Bren olhou para ela. Tão bonita e forte. Ele queria vê-la prosperar, viver, envelhecer. Ele sabia que mesmo com cabelos grisalhos e rugas, ela ainda seria a mulher mais linda que ele já viu.

Havia amor brilhando em seus lindos olhos. Por ele. Ela foi seu milagre.

E ele perdeu tanto tempo por causa de seus próprios medos. Mas Mersi viveria. Ele faria o que fosse necessário para que isso acontecesse.

Ele pressionou a ponta da espada contra seu intestino. Ele observou uma lágrima percorrer sua bochecha.

— Bren, não ... — Sua voz estava embargada.

— Eu te amo, Mersi. — Sua voz era profunda e áspera.

— Eu também te amo.

Bren caiu para frente. Houve uma dor ardente quando a lâmina perfurou seu intestino e ele caiu na areia.

O grito de Mersi ecoou em seus ouvidos.

CAPITULO OITO

Não. Não. Não.

Com lágrimas obscurecendo sua visão, Mersi observou quando Bren pegou sua queda, uma palma pressionada contra a areia.

A lâmina de prata penetrou em sua pele escura e estava coberta de sangue.

Sua garganta estava tão apertada que mal conseguia respirar. Isso não poderia estar acontecendo.

De repente, um grunhido encheu o ar. Fiend saltou para um dos últimos guardas restantes.

Ela observou as presas do canino brilharem quando ele agarrou o guarda. Energia inundou Mersi.

— O que *drak* ? — Vark gritou.

Mersi afastou o braço de Vark, girou e deu uma joelhada entre as pernas.

O senhor da guerra fez um som estrangulado e curvou-se. Ela levantou o joelho novamente, batendo na cabeça dele. Ele voou de volta e aterrissou na areia, inconsciente.

Virando-se, ela correu para Bren, tropeçando em sua pressa para chegar até ele. Ela rastejou o resto do caminho até o corpo dele.

Ele levantou a cabeça e os olhos negros e pretos encontraram os dela. Havia tanta dor e agonia neles, seu coração deu uma reviravolta.

— Estou aqui, cara grande. — Ela colocou os braços ao redor dele. — Estou aqui.

Ela não podia perdê-lo. Ela olhou para onde a espada perfurava seu intestino e costas, e mais lágrimas encheram seus olhos.

Então ela sentiu dedos ásperos roçarem suas bochechas. Ela olhou para cima para vê-lo enxugando as lágrimas do rosto.

— Vamos tirar isso. — Ela tocou o cabo da espada. Ela sabia que isso o machucaria ainda mais, e ela odiava isso.

Mas ela se endureceu, apertou ainda mais o aperto e arrancou a espada.

Bren gemeu e caiu na areia.

— Eu sinto muito. — Havia muito sangue. Ela o puxou em seus braços, pressionando a mão sobre a ferida. A adesividade vermelha cobria seus dedos.

Fiend ainda estava lutando com os últimos poucos guardas. Um guarda se afastou do canino, aproximando-se dela e de Bren.

Este homem era mais velho, mais endurecido pela a batalha que os outros. Ele levantou a espada.

— Mate os dois. — Vark gritou. O senhor da guerra estava de joelhos, aninhando-se. Seu rosto estava retorcido de raiva.

Mersi ficou tensa e sentiu Bren fazer o mesmo.

De repente, uma flecha voou pelo ar e atingiu o guarda mais velho nos olhos. Eletricidade patinou sobre seu corpo pela flecha e seu corpo tombou.

Os últimos poucos guardas de Vark giraram. Um avançou, erguendo a lança e se viu diante de uma espada que balançava.

Dois rápidos cortes e o guarda desmoronou.

Os braços de Bren se apertaram em Mersi e ela olhou para o rosto de pedra de um gladiador. Ele tinha um tapa-olho preto sobre um olho, um

peito duro tatuado, cruzado por um arreio de couro e um manto negro caindo atrás dele.

— Galen. — sussurrou Mersi.

Era o Imperador da Casa de Galen. De repente, Vark passou voando por eles, seu corpo estremecendo com eletricidade.

Outro homem alto apareceu. Este tinha um implante circulando seu olho azul neon, e um de seus braços era feito inteiramente de metal.

Mersi também o conhecia. Magnus Rone – Imperador da Casa de Rone.

Ela olhou além dos imperadores e observou uma mulher em peles de combate, com cabelos castanhos riscados de ouro, derrubando o último dos guardas sobreviventes de Vark com a ajuda de vários ciborgues.

Mersi reconheceu Samantha Santos, a mulher de Galen da Terra, e ex-campeã da arena do deserto de Zaabha.

Galen se agachou na frente de Mersi. — Estávamos encontrando um informante no deserto, e Corsair nos informou que você poderia precisar de ajuda.

— Obrigado. — disse ela.

Ela sentiu o corpo de Bren começar a encolher, a escuridão desaparecendo de sua pele.

Então ela viu seu rosto amado e robusto novamente. Ela acariciou sua bochecha. — Ei.

Mas quando ela olhou para baixo, a ferida esfarrapada permaneceu em seu intestino. *Drak*. Parecia que desta vez, suas habilidades de autocura não estavam funcionando. Não havia uma polegada dele que não estivesse coberta de sangue.

Ela se inclinou e beijou-o. — Bren.

— Amo você. — Sua voz era tão fraca.

— Por favor, não me deixe. — Ela pressionou a testa na dele. —Não morra.

— Nunca. — Ele a puxou para mais perto. — Já está curando. Você é minha, Mersi. Está presa comigo.

— Ele está contaminado. —, disse Galen.

Mersi se deslocou protetoramente para cobrir Bren. — Ele é Bren e você conhece ele, Galen.

Os lábios do imperador se curvaram. — Calma, Mersi. Nós não vamos machucá-lo.

Ela relaxou uma fração.

— Você tem uma feroz protetora lá, Bren. — disse Galen.

— Permita que meus médicos o ajudem. — disse Magnus.

Bren fez um som, seu corpo enrijeceu. — Eu vou ficar bem.

Seus braços se apertaram nele. — Deixe-os ajudá-lo. — Ela se inclinou para mais perto. — Por favor.

Ele suspirou. — OK.

Ela olhou para cima. — Galen, tem uma menina nas ruínas. Ela está doente e precisa de ajuda também. Fiend irá mostrar-lhe.

Galen levantou uma sobrancelha. — Fiend?

O canino trotou para frente e lambeu o braço de Bren.

— Fiend, não lamba o sangue. — Mersi bateu no nariz dele.

O imperador olhou para o canino desgrenhado. — Muito bem.

O cachorro saltou em direção às ruínas, Galen seguindo-o.

Bren puxou Mersi para mais perto e ela segurou, absorvendo seu calor. Um cyborg da Casa de Rone com dois braços de metal se ajoelhou ao lado deles.

— Por favor, ajude-o. — disse ela.

O cyborg olhou para ela com um rosto impassível e assentiu. Ele levantou um injetor de pressão.

Bren pegou a mão dela. — Fique comigo.

Ela soltou uma risada. — Você é sempre um bebê tão grande quando se trata de receber remédios. — Ela pressionou contra ele. — Mas você não poderia me abalar se você tentasse, cara grande.

***

— Drak, Mersi. — Bren apertou as mãos em seus quadris.

Ela estava cavalgando, levando seu pau profundamente dentro de seu corpo.

O prazer estava invadindo Bren, e ele não conseguia tirar os olhos dela. Fora de sua pele que estava alisada de suor, ou o modo como seus seios balançavam enquanto ela o montava.

— Oh, Bren. — Ela jogou a cabeça para trás.

— Venha, Mersi.

Ela gemeu, seu orgasmo bateu nela. Isso desencadeou sua própria liberação. Ele bateu nela, moendo dentro dela enquanto se derramava para dentro.

Ela desabou sobre o peito dele e enfiou o rosto no pescoço dele.

Bren acariciou suas costas. Ela era dele. Ele amava essa mulher por dentro e por fora e, o mais surpreendente, ela o amava de volta.

Ela conhecia todos os seus segredos sombrios, toda a fealdade do seu passado, e ela ainda o amava.

O telhado da tenda flutuou suavemente sobre a brisa. Mas fora não era o abençoado silêncio do deserto, em vez disso, Bren ouviu os ruídos da cidade - vozes excitadas e o zumbido dos transportes.

Depois que eles deixaram as ruínas do Criador, eles viajaram com Galen e Magnus de volta para Kor Magna. Eles se encontraram com a caravana fora da cidade e agora estavam acampados nos arredores, perto dos estábulos de um ex-gladiador chamado Varus.

Bren ouviu risos perto da porta. Ele rapidamente puxou o lençol sobre o corpo nu de Mersi, pouco antes de duas cabeças espiarem.

— Corsair disse que vocês dois precisam ir para o ar em algum momento. — Aura gritou com um sorriso. Ela olhou para o irmão. — Há ar aqui, então não tenho certeza do que ele quer dizer.

Danan sorriu para sua irmã. — Eu vou te contar um dia, irmã minha. — O garoto olhou para Bren e Mersi. — Corsair diz que você está aqui há tempo suficiente. É hora de participar da festa, especialmente porque é para comemorar sua união.

Sob sua respiração, Bren murmurou sobre mestres de caravana mandões e amigos interferentes. Mersi riu baixinho.

Aura balançou a cabeça. — Sim, e há todos os tipos de comida. E dança. Não percam!

Quando Bren fez uma careta para eles, o par saiu com mais risos de Aura. Mersi riu alto agora.

— Eu acho que é melhor nos vestirmos. — disse ela.

Bren deslizou a mão em seu cabelo escuro. Sua Mersi. Naquela tarde, eles se juntaram a Corsair, de pé em uma duna fora da cidade, nas areias do deserto que eles amavam.

Mersi usava um vestido azul marinho vibrante que deixava os ombros nus e combinava com os olhos. E agora ela era oficialmente dele.

— Eu deveria ser capaz de passar algum tempo sozinho com a minha mulher. — reclamou Bren.

Ela se inclinou e beliscou sua mandíbula. — Mais tarde, cara grande. — Ela atirou-lhe um sorriso secreto. — Eu vou fazer valer a pena.

— Promete?

Ela sorriu. — Absolutamente.

Juntos, eles se vestiram, embora demorasse mais que o normal. Bren não pôde deixar de tocá-la. Acariciar a pele macia de sua barriga, beijar a doce curva de seu pescoço, brincar com aqueles belos mamilos rosados antes que ela lhe desse um tapa na mão. Segurando a mão dela, eles se juntaram à festa lá fora.

Antes que ele percebesse, Bren se viu em pé com uma cerveja, observando Mersi conversando com as mulheres da Terra resgatadas da Casa de Galen. Elas estavam falando sobre as ruínas do Criador. Aparentemente, Galen havia autorizado uma viagem de volta para examiná-las e as mulheres da Terra estavam planejando ir.

Bren tomou um gole de sua bebida, perguntando-se de onde diabos todas as pessoas da festa tinham vindo. Ele mal conhecia qualquer um deles. Havia pessoas de outras caravanas, assim como gladiadores e outros viajantes.

Todo mundo estava se divertindo.

— Você já confirmou o boato? — Corsair perguntou ao lado de Bren.

Ele estava falando com Galen. O imperador ficou em frente a eles com sua mulher, Sam, enfiada sob o braço poderoso.

Galen sacudiu a cabeça. — Não. Nós estivemos ocupados perseguindo pistas, mas nada sólido ainda.

Sam se virou. — Os cyborgues de Magnus estão liderando a investigação. Se houver mais humanas raptadas por aí, nós as encontraremos.

Bren não duvidou por um segundo. O brilho nos olhos de Sam dizia que ela não desistiria. Nunca. Ele tinha visto o que essas pessoas da Terra eram capazes, e ele sabia que se houvesse mais de seus irmãos lá fora, em algum lugar, eles os encontrariam.

Ele olhou e avistou Fiend roubando comida de uma das mesas. Ele balançou a cabeça e deu uma risada suave. Mersi havia banhado o cachorro algumas vezes, mas não importava o quanto ela o lavasse, Fiend continuava sujo e de cor marrom.

Ao mesmo tempo, Bren viu a menina pequena pressionada no lado do cachorro.

Eles descobriram que o nome dela era Saskia e Vark matara a família dela. Os curandeiros a trataram e ela sobreviveu à transição. Ela ainda tinha algumas maneiras de conseguir o controle total do Taint, mas Bren estava ajudando-a. Ela estava ficando mais forte a cada hora e agora era membro da Caravana Corsair.

Mersi raramente deixava a garota fora de sua vista, e se o fazia, era porque Saskia estava com Bren. Ele não tinha medo de admitir que ele tinha um fraco pela doce menina. Ele e Mersi esperavam adotá-la e oficialmente torná-la deles.

Um adolescente estava parada ao lado de Saskia. Duna era um dos guias do deserto de Varus. O adolescente se agachou e falou com a garotinha. O que quer que ela tenha dito, fez Saskia dar um de seus raros sorrisos. Então ela olhou para cima e quando viu Bren, seu sorriso se alargou.

Bren acenou. Ele sabia em seu coração que a menina ficaria bem. Um dia, ela encontraria felicidade. Assim como Bren havia encontrado. Ele e Mersi se certificariam disso.

Mersi apareceu e pegou onde ele estava olhando. Ela sorriu e se inclinou para ele. — Ela está se divertindo.

Ele assentiu.

— Mas você não está. — Mersi balançou a cabeça e baixou a voz. — Mais alguns minutos, então acho que podemos nos esgueirar.

Ele passou um braço em volta dos ombros dela. — Sou um habilidoso caçador do deserto. Eu posso nos tirar daqui sem que ninguém perceba agora.

Seu sorriso se alargou e ela roçou contra ele. Seu pau se mexeu.

— Você é um caçador muito habilidoso. — ela concordou. — Eu não duvido de suas habilidades por um segundo.

Bren segurou seu rosto. — Mas você é a melhor caçadora de nós dois.

Confusão franziu sua testa.

— Você não desistiu de mim. — disse ele. — Você me perseguiu até que você me pegou.

Seu rosto se suavizou. — Porque eu amo você, cara grande.

— E eu te amo também. Eu nunca vou deixar você ir.

— Boa.

De repente, Fiend bateu nas pernas de Mersi. O canino bateu nos braços de Bren. Ele a pegou contra seu peito.

Mersi sorriu. — Eu acho que é a maneira de Fiend de reivindicar algum crédito por estarmos juntos.

Bren sorriu. — Eu vou alimenta-lo com carne fresca *bola de* pêlo para o resto de sua vida.

Ela jogou a cabeça para trás e riu. E ai estava. O som mais bonito que Bren já ouvira.

Um som que ele queria ouvir todos os dias pelo resto de sua vida.